

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

SILVIA SOUZA DAMACENO

**A ESQUIZOFRENIA COMPORTAMENTAL: UMA
PERSPECTIVA A PARTIR DO DISCURSO RELIGIOSO
PENTECOSTAL DO ENFERMO**

Vitória – ES

2015

SILVIA SOUZA DAMACENO

**A ESQUIZOFRENIA COMPORTAMENTAL: UMA
PERSPECTIVA A PARTIR DO DISCURSO RELIGIOSO
PENTECOSTAL DO ENFERMO**

Trabalho Final de Mestrado Profissional
para obtenção do grau de Mestre em
Teologia da Faculdade Unida de Vitória –
Programa de Pós Graduação com linha de
Pesquisa: Análise do Discurso Religioso.

Orientador: Francisco de Assis Souza dos
Santos.

Vitória – ES

2015

Damaceno, Silvia Souza

Esquizofrenia comportamental / Uma perspectiva a partir do discurso religioso pentecostal do enfermo / Silvia Souza Damaceno. - Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2015. ix, 81 f. ; 31 cm.

Orientador: Francisco de Assis Souza dos Santos

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2015.

Referências bibliográficas: f. 79-81

1. Ciência da religião. 2. Discurso religioso. 3. Esquizofrenia comportamental. 4. Discurso religioso pentecostal. 5. Psicologia. 6. Psiquiatria - Tese. I. Silvia Souza Damaceno. II. Faculdade Unida de Vitória, 2015. III. Título.

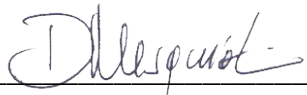
SILVIA SOUZA DAMACENO

A ESQUIZOFRENIA COMPORTAMENTAL: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DO
DISCURSO RELIGIOSO PENTECOSTAL

Dissertação para obtenção do grau de
Mestre em Ciências das Religiões no
Programa de Mestrado Profissional em
Ciências das Religiões da Faculdade Unida
de Vitória.



Drnd. Francisco de Assis Souza dos Santos – UNIDA (presidente)



Doutor David Mesquiati de Oliveira – UNIDA



Drnd. José Mário Gonçalves – UNIDA

AGRADECIMENTOS

A minha mãe pelo incansável apoio ao longo da jornada acadêmica.

A E.S.D. por contribuir com a pesquisa e me mostrar que é possível reinaugurar a vida todos os dias com gratidão e fé a despeito das adversidades.

A Luiz Flaviano Teixeira pela compreensão e motivação, por dedicar seu precioso tempo em auxiliar na correção do texto e pelas valiosas sugestões na construção final.

Ao meu mentor, Paulo Cezar Pereira pelo grande conselheiro que é e por incentivar na busca do conhecimento.

Aos amados amigos, Sérgio Gil e Fanuel Santos pela amizade fraterna, pelo companheirismo. Nossos longos debates e caminhadas na estrada de penitência da Penha nunca serão esquecidos.

A Ida Cipriano e Irmã Marta por proporcionar tão agradáveis estadias que permitiram tempo de repouso e reflexão no Centro de Formação Martina Toloni.

A Sandro Neves, pelo profissionalismo e por transmitir informações essenciais à pesquisa sempre acreditando nas possibilidades de contribuição ao portador de esquizofrenia mediante reorientação do discurso religioso e de comprometimento científico da psicologia em sua linha comportamental.

DEDICATÓRIA

À memória de meu estimado pai que durante sua vida incentivou, contribuiu e acreditou que o futuro seria surpreendente.

“Os símbolos presentes na religião nada mais são do que esperanças que os homens carregam.”

Rubem Alves

RESUMO

O tema desta dissertação “A Esquizofrenia Comportamental: Uma Perspectiva a partir do Discurso Religioso Pentecostal” surgiu da necessidade de verificar o Discurso Religioso Pentecostal como possível desencadeador da Esquizofrenia Comportamental. O objetivo da pesquisa é apresentar o discurso Religioso Pentecostal como possível agente de desencadeamento da esquizofrenia comportamental mediante significados adquiridos no contexto da comunidade de fé mas que reelaborado na reinterpretação dos mitos, ritos, símbolos, objetos e espaços sagrados pelo paciente esquizofrênico pode garantir o resgate ao bem-estar, a auto-estima, autonomia, e conseqüentemente melhora em seu quadro clínico mediante a fé reflexiva e parceria da Psicologia e Psiquiatria. A análise foi construída mediante levantamento bibliográfico e observação da pesquisadora de história de vida de um enfermo. Divide-se em três capítulos em que se conceitua o termo Esquizofrenia e sua relação com a Psiquiatria, a Religião e a Psicanálise. Apresenta-se um histórico do Discurso Religioso Pentecostal no Brasil e a Reelaboração do Discurso Religioso Pentecostal com um estudo de caso. Entendeu-se ao longo da construção da presente dissertação que o mesmo discurso religioso pentecostal que incide no quadro do enfermo esquizofrênico e que acentua a ocorrência dos delírios e demais características da doença ao ser reelaborado no meio em que se profere pode efetivar a retomada de sentido e significados possibilitando pensamento, comportamento e quadro de saúde equilibrados de bem-estar e reinserção social.

Palavras-Chave: Esquizofrenia Comportamental, Discurso Religioso Pentecostal, Psicologia, Psiquiatria.

ABSTRACT

The theme of this thesis "Schizophrenia Behavior: A Perspective from the Religious Speech Pentecostal" arose from the need to check the Religious Speech Pentecostal as a possible trigger for schizophrenia Behavioral. The research objective is to present the Religious discourse Pentecostal reworked the reinterpretation of myths, rites, symbols, objects and sacred spaces for schizophrenic patient to ensure the rescue wellbeing, self-esteem, autonomy, and consequently improvement in their clinical picture by reflective faith and partnership of Psychology and Psychiatry. The analysis was built upon literature and watching the life story of a researcher sick. It is divided into three chapters in which conceptualizes the term schizophrenia and its relation to Psychiatry, Psychoanalysis and Religion. It presents a history of the Pentecostal Religious Discourse in Brazil and the Redesigning of Religious Discourse Pentecostal with a case study. It was understood throughout the construction of this dissertation that the same Pentecostal religious discourse that focuses within the schizophrenic patient and accentuates the occurrence of delusions and other features of the disease to be reworked in the environment in which it makes can effect the resumption of meaning and meanings enabling thinking, behavior and health status of balanced well-being and social reintegration.

Key-words: Schizophrenia Behavioral Pentecostal Religious Speech, Psychology, Psychiatry.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 ESQUIZOFRENIA COMPORTAMENTAL: CONCEITO	13
1.1 A Esquizofrenia Comportamental segundo a Psicanálise	13
1.2 A Esquizofrenia Comportamental segundo a Psiquiatria.....	15
1.3 A Religião segundo a Psiquiatria.....	16
2 O DISCURSO RELIGIOSO PENTECOSTAL	20
2.1 O Discurso Religioso Pentecostal no Brasil	43
2.2 Aspectos Principais do Pentecostalismo	28
2.3 A Perspectiva de Foucault no Discurso Religioso	48
2.4 A relação do sujeito-enunciador e sua superposição à formação do sujeito	44
2.5 Fé e realidade não se contrapõem	48
2.6 O sofrimento mental e a abordagem religiosa discursiva	52
3 REELABORANDO O DISCURSO RELIGIOSO PENTECOSTAL: UM ESTUDO DE CASO	55
3.1 Estudo de Caso	55
3.2 Possibilidade de nova postura dos fiéis esquizofrênicos frente ao Discurso Pentecostal referente	68
3.3 Reelaboração do Discurso Religioso Pentecostal	68
3.4 O Discurso Religioso reelaborado com capacidade terapêutica no tratamento da esquizofrenia comportamental.....	71
CONCLUSÃO	77
REFERÊNCIAS	79

INTRODUÇÃO

O título proposto no tema delimitado “A Esquizofrenia Comportamental: Uma Perspectiva a partir do Discurso Religioso Pentecostal do Enfermo” parte da observação quanto à natureza do discurso predominante nas igrejas pentecostais atuais¹, no assenhoreamento da verdade absoluta e da legitimação como autoridade da fala e da verdade.

Construída em três capítulos propõe-se discutir no primeiro capítulo, o conceito de Esquizofrenia Comportamental e as relações que estabelece com a Psiquiatria, com a Religião e com a Psicanálise.

No segundo capítulo se apresenta o histórico do Pentecostalismo no Brasil e as características do discurso religioso pentecostal bem como o portador de esquizofrenia comportamental reage a este discurso elaborado pela liderança das comunidades de fé, a exemplo da Igreja Evangélica Assembleia de Deus e Igreja Pentecostal Deus é Amor.

O terceiro capítulo apresenta o estudo de caso de um enfermo e propõe a reelaboração do discurso religioso pentecostal como resgate à estima e à saúde do esquizofrênico a partir de intervenções de médicos, terapeutas e do próprio espaço em que o discurso se dá para que, o portador da doença retome a realidade sem perder a fé.

Pretende-se apresentar como se dão os ritos diários nessas instituições e dos posicionamentos da mesma em relação ao doente já diagnosticado à medida que a doença se apresenta.

Entende-se que a análise tende a contribuir nos espaços acadêmicos das Ciências Sociais Aplicadas posto que surgirá a possibilidade de tomada de atitude do portador de transtorno mental com conteúdo religioso em relação ao discurso religioso reinante.

¹ Igreja Pentecostal é um movimento cristão protestante que dá grande importância ao Dia de Pentecostes e que apresenta algumas diferenças em comparação com outras denominações. Os elementos da Igreja Pentecostal consideram o batismo no Espírito Santo essencial no caminho da salvação. O batismo no Espírito é um fenômeno carismático caracterizado pela glossolalia, conhecido como dom de línguas (1 Coríntios 12:10). Na presente análise tratará das igrejas pentecostais atuais a exemplo de Assembleia de Deus e Igreja Pentecostal Deus é Amor.

Para tanto, foram utilizados pensamentos de Foucault², Pecheux³, Mangueneau⁴, Orlandi⁵ e outros. Para a construção textual das realidades do discurso religioso pentecostal inscrito na estrutura mental dos portadores de transtorno mental com conteúdo religioso e entrevista a um portador do sofrimento psíquico mencionado.

Assim, os objetivos da presente análise serão: investigar como ocorre a inscrição do discurso religioso pentecostal pré - constituído no discurso patológico dos portadores de transtorno mental com conteúdo religioso. Verificar como se dá a reinterpretação de portadores de transtorno mental com conteúdo religioso mediante intervenção discursiva das igrejas evangélicas pentecostais. Estabelecer comparações entre a apropriação dos referentes bíblicos pelo intérprete do texto bíblico aos fieis não-psicóticos da Igreja e daquele que é portador destes transtornos. Analisar possibilidades de tomada de posição dos fieis portadores de transtorno mental com conteúdo religioso frente aos discursos pentecostais referentes.

A escolha do tema surgiu da observação da pesquisadora quanto ao discurso apresentado por portadores de transtorno mental com conteúdo religioso no meio evangélico e suas confrontações e semelhanças com o discurso religioso e da necessidade de investigar as influências do discurso religioso reinante com o discurso de portadores de transtorno mental.

Entre outros elementos, a esquizofrenia tem como sintoma a variação de comportamento posto que, em nada afeta a cognição do portador, da escuta de vozes confusas e da visão de vultos nos casos de ocorrência de delírios.

Percebe-se que o poder interpretativo legitimado na ordenação eclesiástica confere ao líder nos movimentos pentecostais, a saber, certa autonomia para fazer uso da Escritura Sagrada.

O discurso religioso nas igrejas pentecostais mediante a oralidade dos sermões produzidos tem na maioria das vezes, o fulcro de convocar a assembleia

² É autor de *Doença mental e psicologia*. Trad. Lilian Rose Shalders. Coleção Biblioteca Tempo Universitário. Vol. 11. 2.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

³ Outra obra do autor é: *Por uma análise automática do Discurso*. 3. Ed. São Paulo: Unicamp, 2003.

⁴ O autor escreveu também: *O Discurso Literário*. São Paulo: Sobral, 2005.

⁵ É autora de *Política Linguística no Brasil*. São Paulo: Pontes, 2008.

de fieis a determinados propósitos e comportamentos mediante a interpretação do texto.

O espaço de diálogo e inserção que o pentecostalismo encontrou no Brasil foi um território fértil, animado por uma população extremamente pobre, carente de recursos materiais e, principalmente, em busca de um sentido para a vida. O território religioso, até então visto como dominado pela religião Católica, mostra que pode ser plural, sincrético e visitado simultaneamente.⁶

É nesse território rico de significações que se produz sentido para compreender e lidar com o sofrimento psíquico⁷.

Nota-se que o problema parte da leitura que o fiel portador da doença e os demais fieis fazem da doença e de como tratam em si, sobretudo no tocante ao desencadeamento de transtorno mental com conteúdo religioso mediante raciocínio transmitido nas vivências com a comunidade de fieis, a cura da mesma, confusão entre a doença e possessão demoníaca, não necessidade de tratamento pela espera do milagre.

A discussão da temática é importante no meio acadêmico porque procura verificar como se dá a inscrição do discurso religioso pré - constituído no discurso do portador deste transtorno mental e ainda como o processo se constrói.

Assim, será utilizada metodologia qualitativa e método de apreensão e observação de história de vida de um enfermo e da perspectiva de vida e das relações que este estabelece com a sua comunidade de fé, família e trabalho.

⁶ MAGALHAES, Izabel. *Linguagem e Ideologia no Discurso Pentecostal*. CNPq/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, 1997, sp.

⁷ ZIMMER, Marilene. *Avaliação de um Programa de Terapia Cognitivo Comportamental para pacientes com Esquizofrenia*. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006, sp.

1 ESQUIZOFRENIA COMPORTAMENTAL: CONCEITO

O termo "esquizofrenia" (*esquizo* = divisão, *phrenia* = mente) foi o que substituiu o termo demência precoce na literatura. Foi criado por Eugen Bleuler que conceituou o termo para indicar a presença de um cisma entre pensamento, emoção e comportamento nos pacientes afetados, conforme afirma Regina Silva⁸.

Os sintomas fundamentais ou primários específicos da esquizofrenia se tornaram conhecidos como os quatro "As": associação frouxa de idéias, ambivalência, autismo e alterações de afeto segundo Bleuler⁹. O histórico conceitual da esquizofrenia data do final do século XIX.

Os aspectos mais característicos da esquizofrenia são alucinações e delírios, transtornos de pensamento e fala, perturbação das emoções e do afeto, déficits cognitivos e a volição.

Alucinações e delírios são freqüentemente observados em algum momento durante o curso da esquizofrenia. As alucinações visuais ocorrem em 15%, as auditivas em 50% e as táteis em 5% de todos os sujeitos, e os delírios em mais de 90% deles segundo Pull¹⁰.

1.1 A Esquizofrenia Comportamental segundo a Psicanálise

De acordo com Silva¹¹ enquanto a medicação neuroléptica pode reduzir os sintomas positivos e prevenir recaídas psicóticas, o apoio psicoterapêutico e o treinamento de estratégias de enfrentamento e manejo de situações de vida ajudam o paciente a se adaptar ao ambiente e a enfrentar o estresse, sendo que as intervenções familiares e sócio-profissionais modificam fatores ambientais de acordo com a capacidade do paciente, senão veja:

Essa abordagem multidimensional é oferecida, avaliada e coordenada continuamente ao longo do tempo em contextos diferentes adaptados para cada paciente e suas necessidades específicas. Dessa forma, pode-se

⁸ SILVA, Regina Claudia Barbosa da. *Esquizofrenia: Uma Revisão*. Unifesp. Psicol. USP. Volume 17. Numero 4. São Paulo, 2005, sp.

⁹ BLEUER apud SILVA, 2005, p. 12.

¹⁰ PULL, C. *Diagnóstico da Esquizofrenia: Uma revisão*. In. M. MAJ & N. Sartorius. (Org). *Esquizofrenia*. Art.Med. 2005, 14. p. 12.

¹¹ SILVA, 2005, p. 17.

evitar o risco de provocar a exacerbação de sintomas psicóticos por estimulação exagerada ou induzir a regressão e o déficit por baixa estimulação.¹²

Antes da década de 1970, as psicoterapias individuais e de grupo para a esquizofrenia se baseavam geralmente em teorias psicodinâmicas ou, ainda, em teorias que consideravam que a esquizofrenia seria causada por padrões patogênicos de comportamento ou de comunicação da família do indivíduo, conforme afirma McGlashan¹³.

Além de não serem efetivos em termos dos sintomas psicóticos fundamentais, esses métodos de tratamento estigmatizavam as famílias dos pacientes, que muitas vezes eram o seu principal sistema de apoio segundo McGlashan¹⁴.

Assim, após a introdução de antipsicóticos efetivos na década de 1960, houve afastamento do foco nas intervenções psicológicas para a esquizofrenia.

Mazoni¹⁵ entende que para uma maior eficácia da abordagem no tratamento de pacientes psicóticos, depende de os terapeutas atentarem para as emoções que são vinculadas ao tipo de cultos e ritos a que o portador de esquizofrenia comportamental está ligado, pois em alguns casos, identificar o tipo de emoção que está associada à crença, pode ajudar a entender a manutenção dessa idéia.

Segundo Caballo¹⁶, a estratégia mais prática para avaliar a habilidade social é por meio das representações de papéis que são interações sociais simuladas, nas quais o paciente interage como ajudante do terapeuta durante uma situação interpessoal breve elaborada para avaliar uma área específica das habilidades sociais.

Para Caballo¹⁷, a intervenção comportamental familiar, consiste em reduzir o estresse de todos os membros da família e melhorar a capacidade da mesma para vigiar o curso da doença. Tais objetivos são alcançados por meio de uma combinação de educação, treinamento em comunicação e habilidades de solução de problemas.

¹² SILVA, 2005, p. 12.

¹³ MCGLASHAN, T.H. What has become of the psychotherapy of schizophrenia? *Acta Psychiatrica Scandinavica Supplementum*. p. 147 ss.

¹⁴ MCGLASHAN, 1984, p. 149.

¹⁵ MAZONI, Claudia Galvão. *A Eficácia da Terapia Cognitivo-Comportamental para tratamento de pacientes Esquizofrênicos*. Bahia: Departamento de Psicologia/Ulbra, 2003, sp.

¹⁶ CABALLO, Vicente. *Manual para o Tratamento Cognitivo-Comportamental dos Transtornos Psicológicos*. São Paulo: Santos, 2003, p. 595.

¹⁷ CABALLO, 2003, p. 597.

1.2 A Esquizofrenia Comportamental segundo a Psiquiatria

A Associação Americana de Psiquiatria, através do Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais¹⁸, o DSM-IV-TR (APA, 2000/2002), define a esquizofrenia como um transtorno psicótico cuja remissão dos sintomas não é comum. Inicialmente, a doença e seus sintomas negativos podem ser proeminentes, mas subsequentemente aparecem os sintomas positivos.

O Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais assim dispõe:

Os sintomas negativos são definidos pela restrição da expressão emocional, da fluência do pensamento e da iniciação de comportamentos dirigidos a um objetivo. Já os sintomas positivos incluem exageros do raciocínio lógico (delírios) e da percepção (alucinações), da linguagem, da comunicação e do controle comportamental.¹⁹

Atualmente, os esforços concentram-se na busca de antipsicóticos com menos efeitos extrapiramidais²⁰ e que sejam eficazes no tratamento dos sintomas negativos da esquizofrenia, denominados antipsicóticos atípicos, a exemplo da Clozapina, Risperidona, Olanzapina, Quetiapina, Ziprasidona e o Aripiprazol.

Segundo Silva²¹ na clínica, a clozapina é igual ou superior aos antipsicóticos clássicos na melhoria dos sintomas positivos da esquizofrenia, mas também mostra efeitos em sintomas negativos.

Mais recentemente, e meados de 2013 chegou ao Brasil a injeção de Palmitato de Paliperidona para tratamento da esquizofrenia. Seus efeitos colaterais são menores que a medicação tradicional, porém o alto custo das injeções ainda inviabiliza o uso de muitos pacientes.

No tocante à relação da Psiquiatria – Religião e Esquizofrenia, a psiquiatria tende a ignorar ou a ver como patologia as dimensões religiosa e espiritual da vida.

¹⁸ ASSOCIAÇÃO PSIAQUIATRICA AMERICANA. *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. 4ª Ed. Revista (DSM-IV-TR). Porto Alegre: Artemed, 2002.

¹⁹ *Manual de Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais*, 2002.

²⁰ Os efeitos extrapiramidais são efeitos colaterais causadores de transtornos de movimentos. No caso de esquizofrenia, o antipsicótico mais comum associado aos efeitos extrapiramidais é o Haloperidol comumente usado no controle das psicoses. Medicamentos com efeitos extrapiramidais podem causar o afastamento do paciente ao convívio social e a anulação das respostas emocionais. Seus efeitos podem ser ainda, acinesia (incapacidade de iniciar movimentos) e a acatisia, (incapacidade de se manter imóvel). KOROLKOVAS, A. *Dicionário Terapêutico*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 16. Ed. 2009, p.471.

²¹ SILVA, 2005, p.16.

Lotufo cita Lukof²², para afirmar que a literatura clínica descreve a experiência mística como sintoma de regressão do ego, psicose *borderline*, episódio psicótico, disfunção do lobo temporal. As tendências positivistas da psiquiatria rejeitam qualquer subjetivismo ou idéias mentalistas, resultando na desvalorização da religião.

1.3 A Religião segundo a Psiquiatria

Para Freire e Moreira²³ as manifestações psicopatológicas que hoje diagnosticamos como transtornos mentais estão associadas em menor ou maior grau à religião, seja nas explicações que as atribuem à sua falta, sejam nas interpretações místicas para experiências de sofrimento psíquico.

Fowler apud Lotufo²⁴ entende que Religião é a tradição acumulada composta das miríades de crenças, práticas que expressam e formam a fé de pessoas do passado e do presente. Seus componentes incluem a arte, arquitetura, símbolos, rituais, mitos, narrativas, escrituras, doutrinas, ensinamentos morais, música, práticas de justiça e misericórdia e, muito, muito mais. Pode ser a fonte do despertar e da formação da fé das pessoas no presente.

A psicologia da religião nasce na década de 1980 e se caracteriza por ser a perspectiva da psicologia no estudo da religião. Seus precursores são Jung, Freud, James, Leuba e outros. Leuba citado por Filoramo²⁵ contribui significativamente neste vasto campo ao defender que no complexo mundo das experiências religiosas é necessário compreender não só a sua gênese, mas sua função e seu objetivo enquanto religião. Para Leuba citado por Jung²⁶, a religião é uma realidade biológica isto é, um modo de comportamento adotado pelo sujeito em sua luta pela vida e seu objetivo primordial é alcançar a salvação material e espiritual.

²² LOTUFO, Francisco Neto. *Psiquiatria e Religião: A Prevalência de Transtornos Mentais entre Ministros Religiosos*. São Paulo: Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. 1997, sp.

²³ FREIRE, J.C.; MOREIRA, V. *Psicopatologia e Religiosidade no lugar do outro: uma escuta levinasiana*. Psicologia em Estudo: Maringá. 2003, sp.

²⁴ FOWLER, 1981, sp. apud LOTUFO, 1997, p.101.

²⁵ FILORAMO, G & PRANDI, C. *As Ciências das Religiões*. São Paulo: Paulus, 1999. Rio de Janeiro: Imago, 1986, sp.

²⁶ LEUBA, 1999, sp. apud JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e Religião*. Rio de Janeiro: Vozes, 1978, sp.

Lotufo²⁷ entende que pessoas com psicose expressam suas vivências através de conteúdo religioso. Para tanto, utiliza o raciocínio de Gardner para dizer que a frequência de delírios religiosos relaciona-se com o sentimento da população em geral como um fator cultural determinante.

Lotufo²⁸ apresenta dois casos clínicos de Goldenberg e Sata em que pacientes seguem a orientação do texto de Mateus: “Se o teu olho direito te escandalizar, arranca-o e atire para longe de ti...se a tua mão direita te escandalizar, arranque-a e atire para longe de ti.”

Semelhante, Lotufo apresenta Anderson; Noyes²⁹ que realizaram levantamentos de dois pacientes internados em uma clínica de queimados por tentativa de suicídio mediante queimadura. Naquela enfermaria, dos 14 pacientes entrevistados nove eram pacientes psicóticos e estavam intoxicados no momento da tentativa. E, religiosidade era o tema dos delírios de forma recorrente.

O auto-extermínio estaria motivado por vozes externas de comando em que exigia que se entregassem porque seus pecados tinham de ser punidos. O pânico nos pacientes de esquizofrenia crônica originava da possibilidade de terem sido esquecidos por Deus por causa de suas transgressões.

A natureza do discurso religioso pentecostal pode acentuar o sentimento de punição como tem o condão de aliviar as pressões psíquicas sofridas pelo paciente esquizofrênico.

Assim, “a religião tem a finalidade evidente de substituir a experiência imediata por um grupo adequado de símbolos envoltos num dogma e num ritual fortemente organizados” de acordo com Jung³⁰.

Ao mesmo tempo, a instituição se coloca no posto de guardiã do indivíduo diante de todas as experiências imediatas que lhe sobrevier, ou seja, poderão recorrer à Igreja, que está em condições de dizer se a experiência provém de Deus ou do diabo, se deve ser repelida ou aceita.

Mesmo nas vestes dos ministros celebrantes há uma espécie de adorno que quer na verdade produzir o efeito de predominância e poder há em si uma

²⁷ LOTUFO, 1997, 28 et al GARDNER, 1991, sp.

²⁸ GOLDENBERG e SATA, 1998, sp. apud LOTUFO, 1997, p.29.

²⁹ ANDERSON; NOYES, 1975, sp. apud LOTUFO, 1997, p.99.

³⁰ JUNG, 1978, p.44.

fenomenologia correspondente e que tem por finalidade sinalizar autoridade e parte com a natureza transcendente afirma Jung³¹.

A pesquisadora remete ao antigo Israel quando a narrativa do texto escriturístico apresenta o sacerdote adornado e com prerrogativas exclusivas podendo decidir sobre as transgressões da população e com autonomia para apresentar sacrifícios a fim de expiar os pecados do povo conforme raciocínio de Jung³².

O empoderamento na figura tipológica do Cristo que se entrega depois para uma morte pouco convencional ao entendimento da cultura ocidental legitima o sacerdote a decidir sobre a conduta, a moral e os deveres religiosos de toda a nação à medida que o código jurídico deste povo é também orientado pelo discurso religioso.

Segundo Freire e Moreira³³ alguns psiquiatras e psicólogos clínicos consideram a religião como perigosa e até mesmo nociva para a saúde mental. Como argumentos para esta posição alegavam os delírios religiosos, a culpabilização da sexualidade e as neuroses coletivas de culpa, o encorajamento de experiências suspeitas e perigosas como visões e aparições. Em contrapartida, outros profissionais acreditam que a religião é necessária e útil à saúde mental.

Amatuzzi³⁴ em seus estudos sobre religiosidade questiona se um conceito de Deus ajuda ou prejudica a experiência religiosa, ou seja, se uma apreensão intelectual do divino prejudica necessariamente a relação religiosa concreta.

Consoante, Goldenberg e Sata apud Lotufo³⁵ entendem que pessoas com psicose frequentemente expressam suas vivências através de conteúdo religioso:

A frequência de delírios religiosos correlaciona-se fortemente com o compromisso religioso da população em geral, sugerindo um fator cultural determinando o conteúdo dos delírios, mais que um efeito individual. Apesar de não haver dados sólidos, algumas evidências mostram que o conteúdo religioso e místico pode ser um agravante e um sinal de risco em pacientes psicóticos.³⁶

³¹ JUNG, 1978, p.44.

³² JUNG, 1978, p.44.

³³ FREIRE E MOREIRA, 2003, p. 95.

³⁴ AMATUZZI, M.M. *Fé e Ideologia na Compreensão Psicológica da Pessoa*. Rio de Janeiro: *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 2003, p. 569.

³⁵ GOLDENBERG E SATA, 1998 apud LOTUFO, 1997, p. 98.

³⁶ GOLDENBERG E SATA, 1998 apud LOTUFO, 1997, p. 98.

Para Durkheim apud Lotufo³⁷, duas dimensões integradoras da religião são as crenças e as práticas. Quanto mais numerosas e fortes forem estas dimensões, maior será a integração da pessoa à vida do grupo e menor será a probabilidade de suicídio.

A participação do indivíduo no grupo dá à vida maior sentido, provê significado através da devoção a outros, fornece uma ideologia, distraindo a pessoa de problemas pessoais que poderiam em outras circunstâncias, liberar tendências suicidas.

³⁷ DURKHEIM, 1987 apud LOTUFO, 1997, p.101.

2 O DISCURSO RELIGIOSO PENTECOSTAL

O Pentecostalismo iniciou - se com a chegada de dois pastores Gunnar Vingren e Daniel Berg, de origem sueca, ao Pará, em 1910. No Pará, com a colaboração de um pastor batista, se dedicaram à cura dos enfermos, em meio a uma epidemia de febre amarela.

Para Prien³⁸, anterior à chegada dos missionários que iniciariam o movimento pentecostalista no Brasil, a formação de comunidades eclesiais teve que acontecer, na maioria dos casos, por iniciativa de leigos, visto que no período de 1824 até meados de 1870 vieram ao Brasil menos de 20 pastores. Estes não eram enviados por suas igrejas pátrias e, sim, viajaram com poucas exceções, por iniciativa e por conta própria, ou na melhor das hipóteses com uma duvidosa promessa de ajuda do governo imperial ou eram recrutados por empresas colonizadoras.

Magalhães³⁹ narra que os pastores organizavam sessões diárias de orações, com o intuito de promover o batismo no Espírito Santo. Wilson Harle Endruweit, um investigador americano citado por Magalhães⁴⁰ que se dedicou ao estudo do Pentecostalismo no Brasil, atribui às dificuldades de crescimento da Igreja Pentecostal no seu início ao sistema de fazendas, nas áreas rurais, e ao catolicismo.

O Brasil foi desde o início parte integrante do movimento pentecostal mundial. De fato, o pentecostalismo já nasce transnacional.

A expansão pentecostal no Brasil segundo o sociólogo Paul Freston citado por Fernandes⁴¹ pode ser pensada através de três momentos:

Uma primeira onda compreende os anos de 1910-1950, época em que 80 % da população brasileira vivia no campo. Nestes anos, a expansão se fez, sobretudo no norte (através da denominação Assembleia de Deus) e no Nordeste (Cristã do Brasil).

³⁸ PRIEN, Hans-Jürgen. *Formação da Igreja Evangélica no Brasil: das comunidades teuto-evangélicas de imigrantes até a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. São Leopoldo: Sinodal, 2001. p. 581.

³⁹ MAGALHAES, 1997, p.5.

⁴⁰ MAGALHÃES, 1997, p.54.

⁴¹ FERNANDES, Rubem Cesar. *Os Evangélicos em Casa, na Igreja e na Política*. Rio de Janeiro: MAUAD, 1998, p.38.

Na segunda onda que compreende os anos de 1950-1970, o pólo irradiador foi São Paulo e coincide com a urbanização e a formação de uma sociedade de massas como é o exemplo da Igreja do Evangelho Quadrangular e Deus é Amor.

A terceira se iniciou nos anos 70 e tem pano de fundo o Rio de Janeiro coincidindo com a modernização autoritária do país, a saber, na área da comunicação e com a derrocada do milagre econômico como é o exemplo da Igreja Universal do Reino de Deus.

As igrejas pentecostais reúnem fiéis de todos os níveis na hierarquia social. Tais igrejas são estruturas de integração vertical que atravessam a sociedade como um todo.

Articulam pessoas diferenciadas quanto à renda, a educação e à cor em torno a um conjunto de práticas eclesiais.

De acordo com Émile. G. Leonard⁴², nas zonas proletárias rurais por suas origens e principais experiências, nessas zonas o protestantismo rejuvenesce e encontra problemas já familiares.

Sua expansão e desenvolvimento nessas regiões colocam-no em presença também em novos meios sociais que lhes apresentam questões que dantes ainda não enfrentara como o exemplo da ignorância dessas comunidades pobres constituída de sitiantes de passagem, de jovens agricultores.

Nordestinos apanhados nas estradas pelas secas, paulistas e mineiros atraídos pelas promessas de “terras da promessa”. Em uma das narrativas de um determinado pastor que os encontra no já no ano de 1963, Émile G. Leonard menciona um dos trechos de sua carta em que os denomina “gentinha”:

A ignorância, o analfabetismo, o desconhecimento dos mais comezinhos preceitos de higiene é uma coisa verdadeiramente alarmante, principalmente nos postos mais avançados de meu campo. Foi imprescindível que do lado das “Boas Novas” de salvação levasse também uma palavra de orientação higiênica. Facilmente se melindram quando se dá estes conselhos de que falo. Só depois de meses que já havia conquistado o coração de nossos irmãos é que comecei a atacar os problemas de moradia e a realizar o saneamento. Distribui também literatura adequada. Estamos num tratamento sério contra o Amarelão⁴³.

Assim, além da interpretação prejudicada da Escritura oferecida ao leigo, a existência do proletariado protestante apresenta por outro lado, problemas de

⁴² LÉONARD, Émile G. *O Protestantismo Brasileiro*. São Paulo: Aste, 1991, p.51.

⁴³ LÉONARD, 1981, p. 332.

caráter propriamente religioso, pois ameaça a desviar a espiritualidade evangélica no país⁴⁴.

Para Émile G. Léonard⁴⁵, o conjunto de todas essas circunstâncias cria no Brasil um clima cada vez mais favorável ao Iluminismo religioso. Seria necessário distinguir aquilo que os fieis, de qualquer comunhão que seja cantam e proclamam como sendo sua especialidade daquilo que eles realmente crêem e vivem.

De outro lado, nos grupos inspirados mais que em todos os demais cumpre acentuar a preponderância da personalidade de seu guia espiritual e seu discurso. Destaca-se nesse período numa das comunidades denominada Igreja Assembleia de Deus, criada por missionários escandinavos possuindo no Brasil segundo Léonard, numerosos propagandistas, dotadas de pastores, de conselhos hierarquizados, e de um Jornal "Mensageiro da Paz" hoje, centenário.

No Brasil como em todo o mundo, a referida Igreja é constituída por sua doutrina particular, nas Escolas Dominicais, nas Semanas de Estudos Bíblicos e de Convenções Nacional e Regionais.

Segundo Léonard⁴⁶, esse pentecostalismo, organizado e bíblico é uma manifestação do protestantismo brasileiro se constituindo um de seus carismas.

Um dos elementos já mencionados no processo de doutrinação das comunidades assistidas por estas igrejas é o ensino teológico oferecido por elas.

Desse modo, tanto assembleianos como os propagandistas batistas e presbiterianos preocupados com a legitimização de suas respectivas doutrinas constituíram escolas teológicas razões pelas quais reduzem todas as criações de uma atmosfera social e cultural, de uma civilização que se acreditava necessária à evangelização.

De acordo com Crabtree⁴⁷, os evangélicos estavam plenamente convencidos da superioridade dos seus ideais, mas, o povo culto em geral não aceitaria facilmente o Evangelho antes de ficarem convencidos da superioridade da cultura evangélica.

Ressalta que no Brasil há dois conflitos nesse particular nos dois sistemas de civilização: católico e evangélico cujo resultado dependeria da possibilidade de

⁴⁴ LÉONARD, 1981, p.334.

⁴⁵ LÉONARD, 1981, p.334.

⁴⁶ LÉONARD, 1981, p.334.

⁴⁷ CRABTREE, A.R. *A História dos Batistas no Brasil até o ano de 1906*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962, p.125.

demonstrar a superioridade do cristianismo evangélico. Segundo Crabtree⁴⁸, não seria fácil desfazer o treinamento já consolidado dos católicos.

Não obstante, acreditavam que o poder maravilhoso do evangelho na transformação imediata dos ideais dos indivíduos, na superioridade das doutrinas batistas não seria demonstrada ao povo brasileiro exclusivamente no campo de evangelização, mas, mediante a operação dos frutos do Evangelho. E assim, justamente no campo da educação que o Evangelho produz os seus frutos seletos e superiores. Homens preparados para falar com poder à consciência nacional.

Crabtree⁴⁹ defende que o Evangelho pela via do Pentecostalismo se encerra os princípios de democracia, individualismo, igualdade de direitos, liberdade intelectual e religiosa.

Todavia, percebe-se que na maioria das denominações protestantes pentecostais, o pastor é antes de tudo “o ministro da Palavra de Deus”, e todos aqueles que administram regularmente a Palavra são de fato, pastores, que de modo que uma categoria de evangelistas repouse ao fato de não terem eles estudos gerais e teológicos completos, choca-se, ao mesmo tempo, contra a noção geral de ministério e o sentimento de justiça, do mesmo modo que cria situações penosas, indícios de superioridade grandemente injustificados, de um lado, e justificados rancores, de outro. Na sua maior parte, os leigos que secundam os pastores na maioria dessas igrejas são, pois verdadeiros leigos, simples fieis ou oficiais instituídos, nas Igrejas.

2.1 O Discurso Religioso Pentecostal no Brasil

O Pentecostalismo no Brasil constitui uma reação à euforia desenvolvimentista da década de 1950, representando uma descrença de que esta ideologia viabilize a resolução da atual crise de valores e uma nova busca de religiosidade e esperança segundo Magalhães⁵⁰.

⁴⁸ CRABTREE, 1962, p.126.

⁴⁹ CRABTREE, 1962, p.126.

⁵⁰ MAGALHÃES, 1997, p. 26.

Caracterizou-se como um movimento religioso marcadamente urbano, afirma Santos⁵¹. Por não anunciarem o evangelho completo, as igrejas tradicionais não tinham mais mensagem para estes tempos de crise geral e de eventos denunciadores da aproximação da Segunda Vinda de Cristo.

Segundo Fernandes⁵², os evangélicos chamados de pentecostais surgiram nos EUA no início do século XX. Neste Novo Mundo aconteceram múltiplas aproximações culturais entre os movimentos avivalistas desencadeados por trabalhadores migrantes europeus e a religiosidade negra norte-americana.

De modo geral, as igrejas pentecostais partilham a crença de uma segunda e imediata vinda de Cristo e acreditam ter acesso, no dia a dia aos carismas e dons do Espírito Santo.

Conforme salienta Alves⁵³, quando o protestantismo desembarcou no Brasil, ele representou uma ameaça para o catolicismo que se implantou na América Latina. O catolicismo visava restaurar na América Latina a síntese medieval (Igreja–Civilização), i.e., criar a mentalidade de que as estruturas são imutáveis e eternas e, desse modo, gerar um espírito de passividade e dominação no ser humano.

No Brasil, o protestantismo sempre se definiu em oposição ao catolicismo. O que importava ao protestantismo era converter fiéis e colocá-los no caminho da salvação e isso se expressa na mudança do estilo de vida.

Na América Latina, entretanto, os protestantes evidenciavam seu novo *status* espiritual não pelo sucesso financeiro, mas por meio de um virtuosismo moral que os tornava diferentes dos demais.

A partir daí, o Pentecostalismo identifica-se como um movimento social religioso que luta a favor da reafirmação de princípios sobrenaturais na ordem social, quando visto a nível geral, afirma Santos⁵⁴.

De acordo com Santos⁵⁵ esses princípios devem ser os da cosmologia judaico-cristã e, em termos mais restritos ainda, trata-se de um recorte do Cristianismo, implicando o retorno aos seus tempos primitivos, quanto ao conteúdo doutrinário.

⁵¹ SANTOS, 1984, p. 56.

⁵² FERNANDES, 1998, p. 36.

⁵³ ALVES, 2004, p. 123.

⁵⁴ SANTOS, 1984, p. 57.

⁵⁵ SANTOS, 1984, p. 57.

Não se trata, pois, de um movimento da religião, mas, movimento na religião, desejando influenciar simultaneamente, dentro do Cristianismo e para fora dele, por sua atividade proselitista e, dessa forma, pretende constituir-se um movimento de defesa da sociedade global mediante conversão de seus adeptos.

Por conversão se entende sentimento e ação de uma pessoa ou povo quando deixam de lado os ídolos e se voltam para o deus verdadeiro ou quando se arrependem e voltam para o deus dantes abandonado conforme expressa Lotufo ao citar Rambo⁵⁶.

Fleming apud Lotufo⁵⁷ para apresentar os vários tipos de conversão.

- a conversão psicológica - que não é uma experiência religiosa, mas apenas a sensação de bem-estar. Para o indivíduo a preocupação desaparece, verdades não reconhecidas anteriormente são percebidas, o mundo parece ter mudado. - conversão restrita - o conteúdo do que é dito sobre a experiência pode ser religioso, mas a pessoa está obcecada com aspectos legalísticos da sua fé, reduzindo-a a seguir algumas regras. - conversão limitada - ocorre uma mudança incompleta na vida da pessoa, esta está consciente de suas faltas, desejosa de confessar, sente apenas culpa, e pode reverter aos padrões de comportamento antigos. - conversão abrangente - ocorre uma mudança completa de uma forma bem integrada e egossintônica. É uma mudança que traz liberação, não comportamentos compulsivos. É uma experiência bem definida, cheia de vida, com moralidade consistente, abrangente, conectada com outras experiências religiosas, e conduz a humildade. A conversão religiosa e experiências religiosas intensas parecem ter um efeito benéfico, reduzindo sintomas patológicos⁵⁸.

É possível que os portadores de esquizofrenia comportamental se enquadrem no tipo de conversão considerada limitada porque quando diagnosticada tem o seu comportamento alterado. Está consciente de suas falhas e normalmente se vê culpado e procura sempre alguém de sua confiança na liderança da Igreja.

Percebe-se que a conversão nas igrejas pentecostais está voltada para a mudança do comportamento do fiel ao passo que este precisa estar vigilante quanto às suas vontades que não condizem com as normas da igreja.

Em um de seus célebres sermões denominado “O Sermão do Espírito Santo”, o Padre Antonio Vieira⁵⁹ profere em 1659 aonde demonstra o que percebe

⁵⁶ RAMBO, 1990, sp, apud LOTUFO, 1997, p. 160.

⁵⁷ FLEMING, 1988, sp, apud LOTUFO, 1997, p. 160.

⁵⁸ FLEMING, 1988, sp, apud LOTUFO, 1997, p. 160.

⁵⁹ VIEIRA, Antonio. *O Sermão do Espírito Santo. Universidade Federal de Santa Catarina. Versão em Português*, 1959, sp.

do comportamento do brasileiro ao se aderir ao que é trazido e que pode ser aqui utilizado para a aderência do pentecostalismo na cultura brasileira assim como no período inicial de colonização:

Há umas nações naturalmente duras, tenazes e constantes, as quais dificilmente recebem a fé e deixam os erros de seus antepassados; resistem com as armas, duvidam com o entendimento, repugnam com a vontade, cerram-se, teimam, argumentam, replicam, dão grande trabalho até se renderem; mas, uma vez rendidos, uma vez que receberam a fé, ficam nela firmes e constantes, como estátuas de mármore: não é necessário trabalhar mais com elas. Há outras nações, pelo contrário — e estas são as do Brasil —, que recebem tudo o que lhes ensinam, com grande docilidade e facilidade, sem argumentar, sem replicar, sem duvidar, sem resistir; mas são estátuas de murta que, em levantando a mão e a tesoura o jardineiro, logo perdem a nova figura, e tornam à bruteza antiga e natural, e a ser mato como dantes eram⁶⁰.

Pode-se considerar que as transformações sociais e políticas ocorridas no país a partir de 1910 tiveram a participação dos movimentos pentecostais que se adensaram preenchendo o vácuo deixado pelo catolicismo e pelas denominações consideradas históricas e que, portanto estavam voltadas aos traços do conservadorismo ao passo que o movimento pentecostal se irradiou a todas as classes sociais através das igrejas evangélicas emergentes.

Outra característica do discurso religioso pentecostal é o carisma dos líderes das igrejas. O traço carismático da liderança pentecostal é prevista por Weber⁶¹ para a instauração e manutenção da obediência dos fieis ao sistema religioso em que via como “Único obstáculo é outra vez aquela glorificação- inspirada no exemplo da vida missionária dos apóstolos – do carisma da pobreza apostólica entre os discípulos eleitos por Deus” isto é, na prática da vida cristã diária é necessário que o líder seja portador de humildade, que não seja dado ao luxo a fim de corresponder ao estilo de vida de seu mais simples fiel.

No entanto, para se manter diante das massas, o líder carismático precisa assegurar sua própria reprodução ao reproduzir os produtores bens da salvação e serviços religiosos.

⁶⁰ VIEIRA, 1959, sp.

⁶¹ WEBER, M. A. *Ética Protestante e o espírito do Capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 124.

Segundo Bordieu⁶², o corpo de sacerdotes, e o mercado onde se é oferecido esses bens da salvação, a saber, os leigos como consumidores finais precisam sentir necessitados em adquirir tais benesses.

O discurso e o pensamento religioso pentecostal segundo entende Becker também orienta a conduta moral e ética do fiel inculcando as regras de que para adquirir a salvação é necessário obedecer assumir comportamentos considerados santificados.

No caso específico da ética pentecostal, a ênfase na sobriedade dos trajes e a severa restrição às relações sexuais extraconjugais, aos vícios e até a participação nas chamadas festas profanas faz com que a adesão à comunidade religiosa transcenda o nível da experiência religiosa. Afinal, o converso passa a agir de forma coerente com sua religião na qual busca constante orientação de conduta, provocando uma redefinição dos seus papéis e relações na família, no trabalho e nos demais espaços da vida pública⁶³.

Em alguns casos em igrejas pentecostais interioranas não é permitido o uso de roupa masculina por mulheres como é o caso da calça jeans nem mesmo para o trabalho secular. Há nos regimentos internos e estatutos previsões de uso de bijuterias e jóias desde que pequenas de modo que não chamam atenção. Há casos que mulheres precisam abandonar seus empregos devido ao uso obrigatório do uniforme composto por calça comprida.

O texto bíblico da Carta de Paulo aos Coríntios é utilizado para conduzir a conduta das mulheres sempre se lembrando da obrigatoriedade da submissão aos seus maridos por ser ele a “cabeça da família”.

A mensagem central do pentecostalismo está ligada à honra e à dignidade humana uma vez que se exige do fiel que não beba, não fume e não gaste indevidamente seu dinheiro “com aquilo que não é pão”. A superação aos vícios é uma forma de submissão à vontade divina. Isso implica em resguardar não só o estilo de vida que reflete a santidade nos fiéis como os deixa mais propensos a investir nas necessidades da igreja.

⁶² BORDIEU, P. *Uma Interpretação da Teoria da Religião de Max Weber*. São Paulo: Perspectiva, 2009. 1982, p. 59.

⁶³ BORDIEU, 1982, p. 59.

2.2 Aspectos Principais do Pentecostalismo

Para Magalhães⁶⁴, o Discurso Religioso Pentecostal parece focalizar a construção de uma linguagem de disciplinamento dos fieis, mediante a concessão de apoio. Tal linguagem, caracterizada pelo uso de grupos nominais - substantivos e adjetivos - que restringem o comportamento dos fieis, delimitando um universo de valores absolutos, constrói uma ideologia terapêutica-disciplinar.

Magalhães apud Kress,⁶⁵ ressalta que o Discurso Pentecostal tem como fim último a organização da experiência dos fiéis, impondo-lhes uma ordem que se apoia em dois eixos, o do bem e o do mal.

Ressalte-se que na organização da experiência, os elementos lingüísticos se relacionam com os não-lingüísticos de tal modo que formam um todo sócio-simbólico a direcionar as ações e atitudes dos adeptos, bem como a estabelecer valores que não só norteiam seu comportamento presente, como também lançam as bases para futuros comportamentos.

Segundo Brandão apud Cunha⁶⁶ entende que o conteúdo desse discurso é coerente com elementos que formam a matriz religiosa brasileira:

- (a) uma compreensão de Deus como objeto de petições e desejos, capaz dos impossíveis. É um Deus prático.
- (b) acontecimentos desagradáveis interpretados como castigo de Deus, que é capaz de perdoar e curar, dependendo do cumprimento de deveres e obrigações.
- (c) compreensão de Deus como amigo, próximo, conseqüentemente, uma aversão ao rito e um apego ao culto sem obrigações nem rigor, intimista e familiar.
- (d) compreensão de Deus também soberano, portanto, o Diabo não deve ser levado a sério – daí zombaria com ele (que se torna até motivo de fantasia do Carnaval), elemento presente no discurso de R. R. Soares. No entanto, essa atitude pode esconder um verdadeiro medo do Diabo. Isso explica o fato de em certos momentos na religião o Diabo ocupar lugar destacado, muitas vezes acima de Deus.
- (e) compreensão de fé: pensamento positivo ou otimismo, segurança, confiança. Quem passa por problemas, quem quer vencer na vida, tem que ter fé⁶⁷.

⁶⁴ MAGALHÃES, 1997, p. 21.

⁶⁵ MAGALHÃES, 1997, 40 apud KRESS, 1995, sp.

⁶⁶ CUNHA, Magali do Nascimento. Discurso Religioso, *Hegemonia Pentecostal e Mídia no Brasil*. São Paulo: *Revista Caminhando*. Jan/Maio, 2008, sp.

⁶⁷ CUNHA, 2008, p.127.

Eni Orlandi apud Magalhães⁶⁸ entendem que o Discurso Religioso se caracteriza pela assimetria entre os planos espiritual e temporal, não-reversibilidade entre os planos e ilusão de reversibilidade.

O pentecostalismo sobrevive como qualquer outro grupo religioso com a presença dos ritos e o culto pentecostal estão repletos de gestos e movimentos que garantem a emoção dos fiéis. Neste sentido, o rito fortifica o que Durkheim⁶⁹ entende por tónus religioso:

O rito, portanto, não serve e não poderá servir senão para manter a vitalidade dessas crenças, para impedir que elas se apaguem das memórias, ou seja, em suma, para revivificar os elementos mais essenciais da consciência coletiva. Através dele o grupo reanima periodicamente o sentimento que tem de si mesmo e de sua unidade; ao mesmo tempo, os membros são reafirmados na sua natureza de seres sociais⁷⁰.

Assim, são características do Discurso Pentecostal Religioso, a glossolalia, os dons, a Ceia do Senhor, o batismo e a possessão demoníaca conforme afirma Mendonça⁷¹.

a) Glossolalia

Por Glossolalia se entende a capacidade de “falar em outras línguas”. Sendo inegável que a mesma atingiu uma abrangência global com o início do Pentecostalismo conforme afirma Carvalhães⁷².

Historicamente, a Glossolalia remete aos primórdios do Cristianismo, mas é na Reforma que adquire relevância e se torna motivo de debate, como afirma Jividen apud Carvalhães⁷³ senão, veja:

A partir da Reforma Protestante, a glossolalia torna-se motivo de debate mais abrangente. No movimento dos anabatistas nem todos praticavam este carisma, uma vez que existiam divergências dessa prática entre eles. Zuinglio reconheceu a manifestação glossolálica e a interpretou como um dom dado para o crente e como um sinal para os não-crentes. No movimento pietista, nascido na Alemanha em 1666, também existem registros de línguas estranhas.⁷⁴

⁶⁸ ORLANDI, 1998 apud MAGALHÃES, 1997, p. 22.

⁶⁹ DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2008, p. 54 ss.

⁷⁰ DURKHEIM, 2008, p. 55.

⁷¹ MENDONÇA, 2008, p. 128.

⁷² CARVALHÃES, 2010, p. 92.

⁷³ JIVIDEN, 1973, 61 apud CARVALHÃES, 2010, p. 43.

⁷⁴ JIVIDEN, 1973, 61 apud CARVALHÃES, 2010, p. 43.

A glossolalia está ligada ao êxtase e, em muitos casos está ligada aos profetismos e revelações. De acordo com Mendonça⁷⁵, o êxtase é um estado de consciência considerado ideal para romper as barreiras que dificultam a comunhão com o sagrado podendo variar de um intenso estado emocional, até tremores, choro, voz embargada, desbloqueio das censuras naturais até o estado de inconsciência.

O discurso pentecostal enfatiza que o cristão deve buscar o revestimento de poder e o falar em línguas estranhas evidencia externamente o batismo no Espírito Santo.

De acordo com Mendonça⁷⁶, o adepto do pentecostalismo busca o batismo com o Espírito Santo. No sentido de afirmar sua identidade que evidenciaria sua espiritualidade, portanto, reconhecido pelo outro e, dessa forma, desenvolveria o sentimento de pertença ao grupo.

Charles Pahram defendia a ideia de que o falar em línguas era um dos sinais que acompanhavam o batismo no Espírito Santo. [...] William Seymour [...], afirmou baseado em At. 2.4 [...], que Deus tem uma terceira bênção além da santificação, isto é, o batismo no Espírito Santo. Naturalmente, Seymour encaminhava o processo assim: regeneração, santificação e batismo no Espírito Santo. [...] W. H. Durham retificou a proposta de Seymour dizendo que justificação/regeneração já era o início da santificação, sendo, portanto, o Batismo no Espírito a = segunda bênção'. É esta a concepção do pentecostalismo moderno.⁷⁷

Há várias interpretações do recebimento do Espírito Santo na chamada teologia pentecostal. Determinados grupos batistas entendem que o recebimento do Espírito Santo não implica necessariamente em falar em línguas e que esta terceira pessoa da trindade chega a vida do fiel no momento exato da conversão que em alguns casos é o instante da aceitação pública de Cristo.

Assembleianos se dividem, uma maioria crê que a única evidência do recebimento do Espírito Santo se dá com o falar em línguas. Uma minoria verifica que receber o Espírito Santo e falar em línguas estranhas são situações distintas.

Os assembleianos tem um modo, uma espécie de teste para confirmar se fiel foi realmente agraciado com o Espírito Santo isto é, no momento da evidência do revestimento de poder mediante falar em línguas, toda a congregação observa.

⁷⁵ MENDONÇA, Antonio Gouveia. *Protestantes, Pentecostais e Ecumênicos. O campo religioso e seus personagens*. São Bernardo do campo: UMESP, 2008, p.128

⁷⁶ MENDONÇA, 2008, p.128.

⁷⁷ MENDONÇA, 2008, p.128.

Pouco tempo, ao final da reunião é realizada uma oração pela maior autoridade eclesial presente. Se o fiel for “renovado” durante a mesma, está atestado o batismo com o Espírito Santo, se não ocorrer, todos entenderão que foi um momento de emoção apenas.

Em relação à glossolalia e a liturgia do culto ressalte-se que as reuniões pentecostais tradicionais não tem ainda nos dias atuais, o uso de palmas, danças e demais gestos considerados efusivos para o culto, a exemplo das igrejas Assembleias de Deus e Pentecostal Deus é Amor. Mesmo nas igrejas pentecostais modernas como Igreja do Evangelho Quadrangular onde há um corpo de dançarinas para as coreografias, seus gestos e passos são comedidos e suas vestes se orientam para a natureza casta do feitio.

Assim, só se percebe efusividade e até mesmo exaltação nos momentos em que o Espírito Santo se manifesta no meio da comunidade. Verifica-se que ele é o único agente que permite a “desordem” litúrgica posto que não pode ser repreendido.

As manifestações do Espírito Santo variam de pessoa para pessoa. Há teorias na teologia pentecostal ligadas à psicologia que afirmam que os temperamentos das pessoas que definem como se comportarão no momento do êxtase.

Neste particular, o êxtase pode durar períodos longos uma vez que a glossolalia pode ocorrer em conjunto com as revelações que são repassadas aos seus destinatários, bem como o “recado” que envolve, profecia, tremor e sapateado do grupo ou do indivíduo isoladamente.

A liturgia pentecostal se orienta para que as manifestações do Espírito Santo como o falar em línguas ocorra durante as ministrações da Palavra ou do Louvor, mas estão na maioria dos casos reservadas ao final da cerimônia deixando o fiel à vontade para se entregar ao Espírito Santo.

Há casos em que fieis são arrebatados e se mantêm durante horas deitados ao chão como que desmaiados. Quando recobram a consciência tem sempre experiências para contar à congregação de visões que teve com o céu ou com o inferno no período de estado desmaio.

b) Dons

Outro distintivo do Discurso Religioso Pentecostal são os dons. Teologicamente são conhecidos como sendo capacidade dada por Deus ao cristão para um determinado ofício. Dentre muitos, há o dom de profecia, da vidência e ainda dons relativos aos atributos da pessoa de Deus refletidos no cristão como é o caso da temperança, entre outros.

Stott⁷⁸, teólogo, relator das decisões do Pacto de Lausanne entende que o que faz diferença na vida de um crente não são os dons que ele pensa ter, mas uma conduta ilibada, um caráter sadio.

No entanto, salienta que há no texto escriturístico cinco listas fornecidas que mencionam pelo menos 20 dons distintivos alguns dos quais muito prosaicos e nada sensacionalistas mas que apesar do número apresentado textualmente, há muitos outros dons de que o texto não mencionou.

Stott⁷⁹ frisa que no livro dos Romanos, no capítulo 12, há uma lista com a menção de sete dons espirituais em contraponto com 1 Coríntios 12 que apresenta uma lista diferente com nove dons na primeira lista e oito na segunda.

Para a teologia pentecostal as listas tem pontos em comum porque concorda que a fonte dos dons é Deus e sua graça. Como são dons da graça trina (charismata) tanto a jactância quanto a inveja não fazem parte do rol taxativo.

Em segundo lugar, Stott⁸⁰ essas listas concordam que o propósito dos dons está relacionado com a edificação do corpo de Cristo, ou seja, a Igreja. E por último, as listas enfatizam diferentes dons cada uma delas parecendo-se com uma lista aleatória desses dons como é o exemplo da variedade de línguas (glossolalia), o dom de curar, dom de profecia, e dom para operar milagres.

A prática que os movimentos pentecostais fazem dos dons atualmente é o de comportar como a gestora dos mesmos no sentido de reconhecer a existência e operação dos mesmos em determinadas pessoas e de modos específicos, ou seja, é comum no universo de vivencia religiosa da acadêmica que os líderes evoquem para si ou para membros “especiais” as capacidades oriundas dos dons.

⁷⁸ STOTT, John. *Cristianismo Autêntico*. São Paulo: Vida, 2006.

⁷⁹ STOTT, 2006, p.103.

⁸⁰ STOTT, 2006, p.103.

No contexto do pentecostalismo do século XXI, tal atitude traz pelo menos dois resultados: Igrejas cheias de pessoas em busca da visualização do agir divino e em busca de respostas às necessidades de todas as naturezas sejam espirituais, financeiras, psicológicas e emocionais e ao mesmo tempo provoca o empoderamento de pessoas portadoras de dons de que a comunidade de fé precisará para a manutenção dela própria.

Percebe-se que aos portadores de dons espirituais inclusive o de profecia é exigido pela própria comunidade de fé um comportamento diferenciado, uma santidade visível e continua.

No contexto da Igreja Pentecostal Deus é Amor, “o ministério profético” é o chamativo de fieis à participação em seus cultos. Há revelações em todas as reuniões. Assim, não só membros participam dessas reuniões como os salões ficam repletos de pessoas que não se comprometem com a doutrina e dogmas firmados pela igreja, mas que vão em busca de revelações.

Os profetas desses templos funcionam como verdadeiros oráculos para o povo que passam a negociar, agir e não-agir mediante que as profecias dizem.

c). Ceia do Senhor

Outra característica das Igrejas Pentecostais são a Ceia do Senhor que não pode deixar de significar pela sua força mística como sendo um dos principais elementos da liturgia no modo porque é realizada, em que sua distribuição se dá por filas enquanto as pessoas permanecem sentadas e pelo uso dos copos individuais postos em costume por “higienistas”, pelas pessoas escrupulosas e pelos mercadores de taças.

Segundo Émile G. Léonard⁸¹, a Ceia do Senhor considerada prática ritualística mantida pela Igreja Cristã desde os primórdios neotestamentários está carregada de significados e implicações para o contexto pentecostal.

Uma das características do sacramento é que ele representa uma ou mais verdades espirituais mediante sinais perceptíveis e externos. No caso da Ceia do

⁸¹ LÉONARD, 1981, p.239.

Senhor, Berkhof⁸² entende que o sinal externo inclui não somente os elementos visíveis empregados, mas também o partir do pão e o derramamento do vinho, a apropriação do pão e do vinho pelo comer e beber, e a participação deles em comum com outras pessoas.

O objetivo da comemoração da Ceia do Senhor é a recordação, o memorial do sacrifício vicário do Cristo que deve ser lembrado, reverenciado e copiado. Apenas podem participar do ato litúrgico já referido se o membro tiver em santidade e idoneidade moral. As lideranças das Igrejas em estudo costumam conduzir a membresia à confissão, ao arrependimento de pecados em dias que antecedem a comemoração do memorial que via de regra ocorre ao menos uma vez ao mês.

A ocorrência de transgressão grave resulta inclusive na suspensão e até mesmo desligamento do corpo de membros e temporário afastamento da participação desta ceia.

Alguns “delitos” considerados graves pelas igrejas em comento podem ser visualizados em seus estatutos e regimentos internos como é o caso de Igrejas como a Assembléia de Deus e Igreja Deus é Amor onde adultério, prevaricação, falso testemunho, desídia (preguiça) e condutas consideradas ilícitas e criminosas impedem que o membro participe deste ritual.

A despeito de que alguns teólogos entenderem que o memorial da “Ceia do Senhor” está direcionado apenas para a continuidade da evangelização e ação social da Igreja mediante recordação do esforço “sobre - humano do Cristo” o texto do evangelho de Lucas⁸³: “Fazei isso em memória de mim até que eu venha”, como discurso é proferido no momento da celebração da ceia em conjunto com o texto da Carta de Paulo Aos Coríntios⁸⁴:

Porque eu recebi do Senhor o que também vos ensinei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; E, tendo dado graças, o partiu e disse: Tomai, comei; isto é o meu corpo que é partido por vós; fazei isto em memória de mim. Semelhantemente também, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o novo testamento no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de mim. Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice anunciais a morte do Senhor, até que venha. Portanto, qualquer que comer este pão, ou beber o

⁸² BERKHOF, Louis. *Enciclopédia de Teologia e Filosofia*. São Paulo: Editora Luz para o Caminho. 1999.

⁸³ Lucas, Capítulo 2, versículo 20.

⁸⁴ Segunda Carta aos Coríntios, Capítulo 11, Versículos 23-34.

cálice do Senhor indignamente, será culpado do corpo e do sangue do Senhor. Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e assim coma deste pão e beba deste cálice. Porque o que come e bebe indignamente, come e bebe para sua própria condenação, não discernindo o corpo do Senhor. Por causa disto há entre vós muitos fracos e doentes, e muitos que dormem. Porque, se nós nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados. Mas, quando somos julgados, somos repreendidos pelo Senhor, para não sermos condenados com o mundo. Portanto, meus irmãos, quando vos ajuntais para comer, esperai uns pelos outros. Mas, se algum tiver fome, coma em casa, para que não vos ajunteis para condenação.⁸⁵

Nessa perspectiva, a exegese do texto utilizada pelas igrejas pentecostais conduz o adepto ao aprisionamento inserido no discurso posto que dificilmente conseguirá comportar de modo santificado durante todo o tempo. Para o portador da esquizofrenia o desafio é se manter conduta e moralmente como a Igreja requer.

Simboliza ainda segundo Berkhof⁸⁶, a participação do crente no Cristo crucificado. Na celebração da Ceia do Senhor, os participantes não ficam apenas a olhar para os símbolos, mas os recebem e se alimentam deles. Falando figuradamente, eles comem a carne do Filho do homem e bebem o Seu sangue, isto é, assimilam simbolicamente os benefícios assegurados pela morte sacrificial de Cristo⁸⁷.

c) Batismo

O discurso religioso pentecostal profere que o batismo em água elimina a culpa original, mas não remove totalmente a corrupção da natureza.

De acordo com Mircea Eliade⁸⁸, sobre os rituais iniciáticos quer dizer que:

só se torna um homem completo depois de ter ultrapassado, e em certo sentido abolido, a humanidade "natural", pois a iniciação se reduz, em suma, a uma experiência paradoxal, sobrenatural, de morte e ressurreição, ou de segundo nascimento; (2) os ritos iniciáticos comportando as provas, a morte e a ressurreição simbólicas foram fundados pelos deuses, os Heróis civilizadores ou os Antepassados míticos: esses ritos têm, portanto, uma origem sobre humana, e, ao realizá-los, o neófito imita um comportamento sobre humano, divino. É importante reter este fato, pois nos mostra mais uma vez que o homem religioso se quer diferente do que se encontra ao nível "natural", esforçando se por, fazer se segundo a imagem ideal que lhe foi revelada pelos mitos. O homem primitivo se esforça por atingir um ideal

⁸⁵ Segunda Carta aos Coríntios, Capítulo 11, Versículos 23-34.

⁸⁶ BERKHOFF, 1991, 649.

⁸⁷ Evangelho segundo João, Capítulo 6, Versículo 53.

⁸⁸ ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 89.

religioso de humanidade, e nesse esforço encontram-se já os germes de todas as éticas elaboradas mais tarde nas sociedades evoluídas.⁸⁹

A iniciação equivale ao amadurecimento espiritual, e em toda a história religiosa da humanidade reencontramos sempre este tema: o iniciado, aquele que conheceu os mistérios, é aquele que sabe.

Consoante, Berkhof⁹⁰, os chamados “pais primitivos” consideravam o batismo como o rito de iniciação na igreja, e normalmente o consideravam como estreitamente ligado ao perdão de pecados e à comunicação da nova vida.

Algumas das suas expressões parecem indicar que eles criam na regeneração batismal.

Do segundo século em diante, aos poucos ganhou terreno a idéia de que o batismo age mais ou menos magicamente. Agostinho parece ter considerado o batismo como eficiente *ex opere operato*, no caso das crianças. Ele considerava absolutamente necessário o batismo e afirmava que as crianças não batizadas estão perdidas.

Segundo Berkhof⁹¹, o batismo contém a graça que simboliza e a confere a todos quantos não ponham obstáculo no caminho. Esta graça era considerada muito importante, visto que:

(a) marca indelevelmente o participante como membro da igreja; (b) livra da culpa do pecado original e de todos os pecados atuais cometidos até à hora do batismo, remove a corrupção do pecado, embora permaneça a concupiscência, e liberta o homem da punição eterna e de todas as punições temporais positivas; (c) produz renovação espiritual pela infusão da graça santificante e das virtudes sobrenaturais da fé, da esperança e do amor; e (d) incorpora o participante na comunhão dos santos e na igreja visível.⁹²

Na maioria das igrejas pentecostais, o fiel só poderá se batizar se estiver liberto dos vícios como beber, fumar e jogar. O fiel não descerá ao tanque batismal se viver amasiado ou se tiver opção sexual diversa da orientada pela igreja como sendo a correta prevista no modelo bíblico.

Igrejas pentecostais como Assembléia de Deus, o comprometimento do novo membro é realizado mediante curso preparatório denominado pré – batismo e há

⁸⁹ ELIADE, 1992, p.89.

⁹⁰ BERKHOF, 1991, p.262.

⁹¹ BERKHOF, 1991, p.263.

⁹² BERKHOF, 1991, p.263.

ainda o que se denomina “tirar testemunho”. Isto é, só se batiza quem teve aceitação total da comunidade de crentes a que se insere.

Já a Igreja Pentecostal Deus é Amor, o candidato à membresia da mesma é considerado liberto e apto ao batismo se for maior de dezoito anos e se não cair possesso nas orações e práticas de exorcismo realizados nos momentos de expulsão dos espíritos malignos, o que se dá em todas as reuniões.

As igrejas pentecostais com algumas exceções tem seu próprio tanque batismal. Na arquitetura os templos há um padrão para a localização deste tanque. Geralmente ficam situados na tribuna, isto é, no mesmo lugar onde as autoridades eclesiásticas permanecem nos momentos de cultos e reuniões.

Trata-se de um ritual. Grandes camisolas brancas são vestidas pelos batizando que com auxílio do pastor responsável pelo ato descem até o ponto estratégico do tanque, juntam as mãos em sinal de reverência enquanto que o pastor profere que o batiza em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Então, há o mergulho de todo o corpo enquanto demais fieis se emocionam, fotografam e filmam tudo ao som de hinos e exclamações de alegria.

Durante a cerimônia de batismo bem como a saída do tanque batismal operam no consciente do fiel múltiplas informações, adesões e compromissos.

Os níveis que o emocional do fiel atinge dificilmente podem ser mensurados por quem não passou pela experiência mística do batismo cristão pentecostal. Há de fato, uma sensação de renovo, liberdade e sentimento de pertença não ao Cristo que professa, mas ao corpo místico denominado Igreja.

O fiel sabe que a partir dali será responsável por todos os atos de conduta considerados ilícitos pela comunidade crista e que ao responder por isso dará conta publicamente do que fez.

Em igrejas pentecostais é muito comum que membros sejam desligados da comunhão que só é possível após o batismo por contender com membros ou não membros. Ressalte-se aqui que uma simples discussão com a vizinhança pode acarretar ao fiel a necessidade de confessar ao “ministério” ao que precisará pedir perdão publicamente para a igreja.

Outras vezes, o namoro considerado escandaloso, a gravidez antes do casamento, e até a ida ao cinema podem ser considerados comportamentos passíveis de “disciplina”.

Diante do exposto, o membro portador de esquizofrenia pode conceber a ideia de que através do Batismo sua natureza degenerada confere prerrogativas e capacidades incompatíveis com sua realidade.

d) Possessão Demoníaca

Já a possessão demoníaca, outro aspecto do Pentecostalismo diz respeito a influências de espíritos malignos na vida do ser humano.

Lotufo⁹³ entende que a possessão em algumas culturas pode estar associada à religião ao oferecer benefícios psicológicos ou sociais. Há ainda associações com desgraça, doenças, pecados passados de uma geração a outra ocasionando a morte em alguns casos.

Lotufo cita Lewis⁹⁴ para apresentar dois tipos de possessão: a central e a periférica.

A possessão central é ritual e temporária, sustenta a moralidade, as tradições e o poder estabelecido. Assume a forma de transe e se limita aos espaços em que o culto religioso acontece. Neste caso, os espíritos são acolhedores e agem positivamente no tocante aos efeitos psicológicos e sociológicos.

A possessão periférica é de longa duração tem incidência em pessoas de baixo nível social podendo haver alterações de consciência em que a pessoa acredita estar possuída por demônios.

A possessão periférica pode se associar a protestos inconscientes de subordinações sociais ou conflitos pessoais podendo ser indicadora de neurose e psicose.

Para Lotufo⁹⁵, sobre a possessão e seus contextos afirma que:

Tanto a possessão por um espírito quanto estados alterados de consciência podem servir como uma válvula de escape para sociedades e indivíduos que estão sob estresse, ou servir como um sinal, de que o estresse está presente nesta sociedade. Se a pessoa que vivência visões, transe, "vozes", pode interpretá-los como mensagens socialmente relevantes, um eco social pode ser despertado, e as condições para um movimento surgir. Se o estresse apenas produz crises convulsivas, e talvez visões e vozes,

⁹³ LOTUFO, 1997, p.113.

⁹⁴ LEWIS, 1971, sp, apud LOTUFO, 1997, p.113.

⁹⁵ LOTUFO, 1997, p. 169.

nenhuma mensagem distinta é formulada, e nenhum movimento revitalizador acontecerá.⁹⁶

Nesse sentido, a cultura define “o efeito” de creditar ao espírito maligno a posse do humano nos momentos da possessão uma vez que as crises nervosas, as convulsões em si não tem a mesma repercussão e nem comovem comunidade de fiéis da mesma forma que os casos em que se reconhece que um indivíduo do grupo está possesso.

Tanto que normalmente, para cada caso semelhante à crises bem como convulsões a atenção do grupo é orientada a desconfiar de que naquele organismo não opera somente a doença em si. Automaticamente ocorre a associação a aflições malignas. É comum que entre evangélicos se comente que determinada pessoa do grupo tem uma doença mental e o “Diabo se aproveita disso para atormentá-la”.

Logo, se a cultura define assim, dos maiores desafios enfrentados por portadores de sofrimento mental é o de ser visto pelo grupo apenas como portador de doença mental cujo tratamento terapêutico e psiquiátrico trará respostas positivas. Esse membro do grupo comumente é visto pelos demais como sendo um membro mais suscetível aos demônios devido sua condição mental.

Lotufo cita Yad⁹⁷ na revisão que fez de 66 pacientes internados em Hong Kong. Todos eles apresentavam sintomas de possessão. Deste total, 24,3% eram esquizofrênicos. Outra pesquisa realizada em Trinidad e relatada por Ward⁹⁸ encontraram 63,8% de 58 pacientes esquizofrênicos com os mesmos sintomas.

A própria cultura pode tratar e curá-la mediante remédios e exorcismos para a libertação dos corpos imundos. O livramento das possessões é prática antiga.

Desde a Idade Primitiva se encontram praticas como orações, curas, encantamentos, açoites ou punições em casos extremos de possessão.

Dentre os muitos textos bíblicos utilizados para se referir á possessão maligna estão⁹⁹: “Ao retirarem-se eles foi-lhe trazido um mudo endemoninhado que foi expellido...” E ainda¹⁰⁰: “Achava-se na sinagoga um homem possesso por um espírito imundo, que bradou em alta voz...”

⁹⁶ LOTUFO, 1997, p.169.

⁹⁷ YAD, 1960, sp. apud LOTUFO, 1997, p.115.

⁹⁸ WARD, 1980, sp. apud LOTUFO, 1997, p.115.

⁹⁹ EVANGELHO DE MATEUS, 9.32-33.

¹⁰⁰ EVANGELHO DE LUCAS, Capitulo 4, Versículos 33-37.

A Teologia pentecostal verifica aos poucos a possibilidade de ensinar nos seus seminários teológicos que nem toda ação negativa realizada pelo ser humano é conduzida por demônios. Compreendem que a própria natureza humana mediante arbítrio natural é capaz de designar os atos e comportamentos para si.

Entende-se que é provável que a natureza do discurso pentecostal possibilita o raciocínio de que o homem pode se esquivar de suas responsabilidades de qualquer natureza e responsabilizar aos espíritos malignos a autoria. Aos poucos, o discurso teológico vem inaugurando nova interpretação neste particular.

Em igrejas como é o caso da Igreja Pentecostal Deus é Amor, os procedimentos para o tratamento dos possessos são misturas de rituais protestantes em que a Bíblia como autoridade é usada para enfraquecer as forças demoníacas e exorcismos aonde há uma sessão por vezes demorada da retirada dos chamados espíritos malignos.

Enquanto que assembleianos parecem ignorar a atuação direta e visível dos demônios preferindo dar mais ênfase ao exercício dos dons do Espírito Santo, a Igreja Pentecostal Deus é Amor evidencia estes momentos criando diálogos com os demônios o instigando a falar nos microfones do Templo por que está ali e o que quer fazer com a vida do posseso.

Em alguns casos, a pessoa atendida chega a vomitar elementos que dizem ser resultados dos “trabalhos de macumbaria” feitos em desfavor dela. Há neste instante a publicidade do evento através dos programas veiculados á Rádio da Igreja chamada Voz da Libertação.

Lotufo cita Ward¹⁰¹, e afirma que em algumas culturas, a possessão faz parte da estrutura religiosa é encorajada como uma experiência mística ou divina que une o ser humano aos deuses, apoiando a cosmologia cultural e oferecendo benefícios psicológicos ou sociais.

Bourguignon; Evascu apud Lotufo¹⁰² entende que em algumas culturas, a possessão faz parte da estrutura religiosa, é encorajada como uma experiência mística ou divina que une o ser humano aos deuses, apoiando a cosmologia cultural e oferecendo benefícios psicológicos ou sociais.

¹⁰¹ WARD, 1989, sp, apud LOTUFO, 1997, p.12.

¹⁰² LOTUFO, 1997, 113 apud BOURGUIGNOM; EVASCU, 1977.

Para Lewis e Wardi apud Lotufo¹⁰³ há dois tipos de possessão, a saber: a central e a periférica.

A primeira se diferencia pela sua função social, sustentando a moralidade oficial, as tradições religiosas e o poder estabelecido. A possessão é ritual e temporária, geralmente voluntária e, usualmente, reversível. Toma a forma de transe (estado alterado de consciência), é exibida num contexto cerimonial religioso e atribuída ao poder de espíritos solidários ou acolhedores.

A possessão ritual é terapêutica e de natureza ajustadora em termos fisiológicos, psicológicos e sociais.

A segunda é, em geral, de longa duração e estável. A pessoa acredita estar possuída por um ou mais demônios, exibindo involuntariamente comportamentos que são atribuídos à influência dos espíritos.

Para Lotufo¹⁰⁴ a condição é pontuada por estados de alteração de consciência, mas, na maior parte do tempo, o indivíduo está lúcido. Ela pode ser indicadora de neurose, psicose ou transtornos de personalidade, ou interpretada como uma manobra psicológica, um protesto contra as pressões de papéis sociais restritivos e subordinadores, aflições pessoais e adversidades.

Em outras, a possessão é percebida como intrusão maligna de seres espirituais que perpetuam a doença e a desgraça, podendo provocar até a morte, reiterando a associação entre eventos naturais e sobrenaturais.

De acordo com Sall¹⁰⁵ durante todos os séculos da existência humana, o homem sempre teve o interesse grande no mundo desconhecido ou no mundo dos espíritos. Sempre auspiciou, por exemplo, catástrofes pessoais ou naturais com a ação dos maus espíritos.

Deste modo, quando um indivíduo demonstrava comportamento anormal, usava-se de exorcismos ou bruxaria para expulsar o demônio. Ocasionalmente, alguém advogava o uso da medicina para tratar comportamento anormal.

Mas o mundo pagão, na sua grande maioria, aceitava, e ainda aceita, o ponto de vista de que o comportamento anormal é causado pelo controle de algum poder

¹⁰³ LEWIS, 1971, sp, apud WARDI, 1980, sp, apud LOTUFO, 1997, p.113.

¹⁰⁴ LOTUFO, 1997, p.134.

¹⁰⁵ SALL, Millard. *Possessão Demoníaca ou Doença Mental*. Tradução por Esly Regina de Carvalho. Grand Rapids MI, 1985. p. 127ss.

demoníaco. Uma pessoa anormal é apenas uma vítima, presa nas garras do demônio, afirma Sall¹⁰⁶.

O raciocínio pentecostal para a possessão maligna parte da ideia de que o ser humano possesso tem seus sentidos do corpo alterados não podendo responder posto que perde a consciência nos instantes em que se está dominado pelo maligno.

Notadamente, afirma-se que o possesso pode ouvir vozes, ver vultos, se sentir vigiado ou preso em amarras invisíveis. Em alguns grupos pentecostais insere-se a afirmativa de que a possessão demoníaca pode estar associada aos pecados graves que o cristão comete ficando assim vulnerável espiritualmente.

Assim, se acredita que a única forma de se livrar das possibilidades de possessão é se entregar ao batismo no Espírito Santo mediante Glossolalia. O fiel acredita que o Espírito Santo "toca" os adeptos da Igreja Pentecostal, iluminando-os com um sentimento de fé na Igreja e em seus ensinamentos além de garantir fortalecimento espiritual o que evita as atuações de espíritos malignos indesejados.

Tais ensinamentos pregam uma moral que rejeita determinados aspectos do plano temporal, exemplificados por usos ligados à apresentação pessoal dos fieis condicionando seu comportamento.

São planos não-reversíveis, como registra Orlandi apud Magalhães¹⁰⁷, entretanto, os membros hierárquicos da Igreja falam em nome das figuras espirituais. O pastor prega a palavra de Deus, o representando institucionalmente. Falar em nome de constitui um lugar de poder.

Caracteriza - se, assim, a ilusão de reversibilidade, porque é a organização prevista no discurso religioso, em que uns falam e proferem comandos, enquanto outros ouvem e obedecem que produz o poder institucional.

A pregação do líder religioso, os testemunhos dos fieis, os hinos e a cura pentecostal se situam no Discurso Religioso Cristão, que é formado das várias práticas religiosas cristãs, constituídas de aspectos lingüísticos e não-lingüísticos e referentes a um espaço institucional religioso.

Segundo Chauí¹⁰⁸, Foucault é considerado um estruturalista porque propõe que a história não pode ser descrita como uma seqüência contínua de fatos que

¹⁰⁶ SALL, 1985, p.128.

¹⁰⁷ ORLANDI, 1978, p.8 apud MAGALHÃES, 1997, p. 22.

¹⁰⁸ CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2001, sp.

possuem entre si um encadeamento lógico. Este estruturalista trabalha com dois elementos essenciais no que defende: Discurso e Poder.

Foucault¹⁰⁹ identifica, portanto, nas instituições religiosas e judiciárias as mais claras maneiras do discurso ser construído e formatado a regras rígidas e de fortes procedimentos de controle. Nesse sentido, existem vários tipos de procedimentos de controle do discurso identificados por Foucault, inclusive o controle pela via do discurso religioso que será tratado a seguir.

2.3 A Perspectiva de Foucault no Discurso Religioso

Para Foucault¹¹⁰, as regras que sustentam o discurso estão sempre assentadas em relações de poder e em instituições religiosas isso não é diferente. Afinal, talvez em todas as religiões há a presença de uma doutrina fundamental que pretende apresentar a verdade essencial da existência humana.

De acordo com Foucault¹¹¹:

Vê-se nas instituições religiosas que o sacerdote, em geral, é o responsável por identificar para o fiel a continuidade de sua vida após a morte e o que é mais importante, o sacerdote "sabe", "domina" a explicação para as agruras e sofrimentos a que o fiel está submetido em sua vida encarnada. Há uma verdade que está apresentada, que está envolvida e envolve, os procedimentos que o discurso religioso segue. Necessariamente o discurso vem repleto de verdade, verdade que foi revelada ou transmitida pelo mundo dos espíritos e que é retransmitida aos fiéis. É desfraldada diante dos fiéis a verdade imutável, vinda diretamente de Deus ou do mundo dos mortos e não há como contestá-la.¹¹²

Todo poder está engendrado pelo saber, nas religiões é nítido como o saber que os sacerdotes possuem, ou seja, o saber sobre o mundo dos espíritos ou das almas, sobre o mundo dos mortos e como é a vida após a morte e de que modo pode-se escapar ao sofrimento e ao mal, é engendrador do poder institucional. Saber significa dominar o comportamento e os pensamentos do fiel e até mesmo o sofrimento de quem não ouve seus conselhos.

¹⁰⁹ FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 21.

¹¹⁰ FOUCAULT, 2001, p.124.

¹¹¹ FOUCAULT, 2001, p.145.

¹¹² FOUCAULT, 2001, p.145.

2.4 A relação do sujeito-enunciador e sua superposição à formação do sujeito

De acordo com Foucault¹¹³, existem vários procedimentos de controle e de delimitação do discurso. Os que se apresentam exercem-se, de algum modo, a partir do exterior; funcionam como sistemas de exclusão; dizem respeito sem dúvida à parte do discurso em que estão implicados o poder e o desejo.

Para Foucault¹¹⁴ há na sociedade, um princípio de exclusão que se denomina de uma partilha e uma rejeição. Trata-se da oposição da razão e da loucura.

Desde os arcanos da Idade Média que o louco é aquele cujo discurso não pode transmitir-se como o dos outros: ou a sua palavra nada vale e não existe, não possuindo nem verdade nem importância, não podendo testemunhar em matéria de justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato, não podendo sequer, no sacrifício da missa, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo.

Como reverso de tudo isto, e por oposição a outra palavra qualquer, são-lhe atribuídos estranhos poderes: o de dizer uma verdade oculta, o de anunciar o futuro, o de ver, com toda a credulidade, aquilo que a sagacidade dos outros não consegue.

Já na Grécia Antiga, notadamente no século sexto, definiu o “discurso verdadeiro” que reinava e nele estavam contidas a palavra valorizada e a verdade. Por ele tinha-se terror e respeito, nessa ordem. Devia submeter a ele uma vez que era o discurso proferido por quem de direito e mediante um ritual requerido.

Para Foucault¹¹⁵, o discurso tinha o condão de profetizar o futuro, fazer justiça, e lançava homens e mulheres ao futuro e os prendia aos infortúnios apenas previstos.

Em se tratando do discurso religioso que traz a prerrogativa das previsões, Rubem Alves¹¹⁶ entende que o espírito profético e o espírito protestante pentecostal acabaram se acomodando nas estruturas doutrinárias e institucionais. Estas acomodações podem ser vistas como gaiolas que procuram aprisionar o que nasceu para ser livre.

¹¹³ FOUCAULT, 1970, p. 8.

¹¹⁴ FOUCAULT, 1970, p.11.

¹¹⁵ FOUCAULT, 1970, p.4.

¹¹⁶ ALVES, Rubem. *Dogmatismo e Tolerância*. São Paulo: Loyola. 2004, p.23.

Para Alves¹¹⁷, a partir do momento em que se aprisionam os pensamentos, a linguagem, a vivência de fé e até mesmo o próprio Deus ficam sob o domínio do carcereiro.

Consoante, Pêcheux¹¹⁸ entende:

A interpelação do indivíduo como sujeito de seu discurso dá-se a partir da identificação desse sujeito com a forma-sujeito da formação discursiva que o afeta. A relação que o sujeito enunciador estabelece com os pré-construídos vinculados à forma-sujeito marca a tomada de posição discursiva do sujeito enunciador. O sujeito enunciador pode estar em superposição à forma-sujeito, aderindo plenamente aos saberes pré-construídos da formação discursiva; pode questionar esses pré-construídos, contra – identificando - se com a formação discursiva que o afeta; ou pode desidentificar - se com a forma-sujeito de uma formação discursiva, identificando-se com outra¹¹⁹.

Desse modo, a reinterpretação dos referentes bíblicos a partir dos saberes da Igreja constrói novos referentes discursivos. Nessa nova formação discursiva, os fieis assumem seu papel a partir de sua posição - sujeito.

Spilka apud Lotufo¹²⁰ entende que a religião se classifica em funcional e disfuncional. É funcional, se satisfaz as necessidades da pessoa por um sentido, auto-estima e sensação de controle pessoal.

Disfuncional, se leva a dogmatismo, se restringe o pensamento e limita a liberdade e as oportunidades, distorcendo a realidade, separando as pessoas e despertando medo e ansiedade.

Segundo Lotufo¹²¹ a religião não funcional é muito negativa e procura o controle social através da culpa, medo e vergonha.

Encoraja os seguidores a adotar uma atitude de superioridade, de ser o dono da verdade e de julgar os outros. A ortodoxia é base rígida para a exclusão, pequenos temas se transformam em importantes e exige a suspensão da razão.

Na Ordem do Discurso de Foucault¹²², mostrou que o discurso não é simplesmente o que manifesta (ou esconde) o desejo; é também aquilo que é objeto

¹¹⁷ ALVES, 2004, p.23.

¹¹⁸ PECHEUX, Michel. *Análise Automática do Discurso*. Campinas: Unicamp, 1990.

¹¹⁹ PECHEUX, 1990, sp.

¹²⁰ SPILKA, 1989, sp, apud LOTUFO, 1997, p.30.

¹²¹ LOTUFO, 1997, p.31.

¹²² FOUCAULT, 1970, p.4

do desejo; e porque isso a história desde sempre o ensinou que o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear-nos.

Ao citar Lotufo apud Fitz,¹²³ entende que algumas pessoas são ajudadas pela religião e a escolhem como um caminho de crescimento, enquanto que para outros ela é uma fonte de estresse que pode resultar em transtorno mental.

De acordo com Lotufo¹²⁴, a religião prejudicial pode gerar níveis patológicos de culpa, estabelecer base para repressão e para raiva, criar ansiedade e medo através de crenças punitivas, pode impedir a autodeterminação e a sensação de controle interno tornando-se um obstáculo para o crescimento pessoal e funcionamento autônomo, favorece a dependência, conformismo e sugestionabilidade com o desenvolvimento da confiança em forças exteriores.

Inibe ainda a expressão de sensações sexuais e abre caminho para o desajuste sexual, encoraja a visão de que o mundo é dividido entre “santos e pecadores”, o que aumenta a hostilidade dos que não pertencem ao movimento religioso, cria paranóia com a ideia de que forças malévolas que ameaçam a sua integridade moral interferem com o pensamento racional e crítico e se vêem imunes a morte.

Nesse aspecto, o discurso religioso das igrejas pentecostais podem ser imaturos e prejudiciais. O cristianismo em todas as modalidades interpreta o texto bíblico no que se refere a morte como sendo não um fato natural mas um fato penal.

“Morte” é, segundo Stott¹²⁵, autor, teólogo conhecido no meio teológico pentecostal, uma palavra que resume o infortúnio humano, o resultado do pecado, pois ela é o salário do pecado, sua punição austera. O discurso pentecostal sustenta que a única maneira de se livrar da morte eterna é a aceitação da doutrina e dos preceitos do cristianismo.

No contexto em que se dá o discurso, a morte é a consequência do pecado e da depravação humana dos homens nos primórdios de modo que como herança tem - se que toda a humanidade morrerá em decorrência da natureza pecaminosa. Há uma adulteração do significado da passagem de estado da vida humana.

¹²³ LOTUFO, 1997, 31 apud FITZ, 1990.

¹²⁴ LOTUFO, 1997, 31 apud FITZ, 1990.

¹²⁵ STOTT, John. *Cristianismo Autêntico*. São Paulo: Vida. 2006, p.596.

Cria-se a expectativa da pós - vida mediante alguns esforços e santificação da alma e do corpo. Não se pensa neste evento da vida humana como elemento necessário a tudo o que nasce, a tudo que é precário, transitório e terrestre.

Diante de tais afirmativas, o discurso religioso se faz provedor de uma solução para o termino da vida qual seja, se apegar ao texto bíblico que menciona a imortalidade daqueles que tem fé e que tem Deus.

O portador de sofrimento mental em comento se apega ao raciocínio de que poderá perenizar-se.

Segundo Lotufo¹²⁶, a religião se torna um obstáculo ao crescimento e desenvolvimento genuínos quando a estrutura da religião não tem mais significado para inúmeras pessoas.

Quando cria dualismos na mente humana como céu-inferno, Deus-homem, bem-mal, e etc. Criam assim falsos opositores e falham no reconhecimento de uma ação intermediária apresentando um retrato falso da vida.

Sentimentos e atitudes religiosas podem ser expressos de maneiras, e em circunstâncias, que pouco têm a haver com a verdadeira espiritualidade e que oportunizam mecanismos planejados ou destinados a explorar ou manipular outros de modo deliberado ou oportunista.

Pêcheux¹²⁷ afirma que, apesar de o discurso ser dependente “das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe” – o que o coloca como parte da estrutura discursiva produzida pelo complexo das formações discursivas – ele pode se afastar dessas filiações sócio-históricas para produzir um deslocamento de sentido.

A “desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos” é produto de acontecimentos sócio-históricos que se discursivizam, produzindo novas redes de sentidos, que posteriormente tomarão seu lugar nas formações discursivas.

A noção de desestruturação, vinculada a Pêcheux¹²⁸ está relacionada ao estabelecimento de novos sentidos em relação àqueles que já se encontram no interdiscurso. Segundo Fallon apud Lotufo¹²⁹, sinais de patologia incluem interrupção e estagnação do desenvolvimento e regressão. A estagnação ocorre quando a fé de

¹²⁶ LOTUFO, 1997, p.41.

¹²⁷ PECHÊAUX, 1998, p.56.

¹²⁸ PECHÊAUX, 1998, p.56.

¹²⁹ FALLON, 1993, sp. apud LOTUFO, 1997, p.58.

uma pessoa permanece em um estágio menor da maturidade, do que é encontrado entre os membros de sua comunidade.

A regressão, segundo Lotufo¹³⁰ ocorre em quem, em certo período, atingiu um nível de fé mais maduro, mas agora tem seu sentido existencial determinado por uma fé mais primitiva.

2.5 Fé e Realidade não se contrapõem

De acordo com Foucault¹³¹, o papel do discurso institucional exerce decisiva influência sobre os limites e possibilidades que o fiel tem de estabelecer escolhas a respeito de crenças, conceitos, comportamentos e etc. É relativamente difícil a um fiel escapar ao domínio de tal discurso, pois este é o único que tem "acesso" ao mundo transcendente, ao mundo que realmente tem valor, ao mundo onde o mal não prevalece.

E esse discurso se vale do elemento Fé do fiel. É importante frisar que o fiel não está obrigado, por repressão, a se submeter ao domínio religioso.

No entanto, através da fé ocorre a validação da revelação, a verdade, os limites, o comportamento, tudo isso está dito, está no discurso, na fala dos sacerdotes e de outros religiosos que são os intermediários, não só entre dois mundos, mas entre duas condições a que pode estar sujeito o fiel: liberdade e domínio.

O conceito medievo para o termo estava vinculado à fé no sentido dogmático e à fé no sentido da compreensão. Tertuliano concebia a fé dogmática a partir da crença em Deus e na Igreja.

Já Agostinho de Hipona concebia a fé pela via da compreensão racional com a finalidade de utilizá-la na compreensão das Escrituras sem descartar a importância da revelação, conforme afirma Gilson¹³².

Para Agostinho, por seu turno, a fé e compreensão devem estar sujeitas ao mesmo impulso de crescimento e desenvolvimento da própria vida humana. De acordo com Tertuliano, como se viu, esta premissa era válida

¹³⁰ LOTUFO, 1997, p.59.

¹³¹ FOUCAULT, 2001, p.136.

¹³² GILSON, E. *A Filosofia Medieval*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

apenas em relação à procura do caminho para a fé; uma vez encontrada, não haveria sentido para buscas posteriores¹³³.

Para Agostinho, a fé é capaz de colocar o cristão no caminho da virtude, no caminho do bem e será ela o elemento a conduzi-lo ao crescimento contínuo através da compreensão da Escritura.

Destarte, em Abelardo, outro importante filósofo e teólogo medieval, a fé pode receber intervenção da filosofia. Abelardo compreendia que a filosofia não servia como doutrina, mas era elemento fundamental para que se pudesse compreender os fundamentos da religião de forma racional.

A fé estava, portanto ligada à razão. A fé religiosa¹³⁴ é concebida em um sentido intelectual a partir da formação do conhecimento humano e que repousa finalmente na opinião sendo que raras vezes opera racionalmente.

Na visão cristã de Pedro Abelardo existe uma justificação em Deus para a confusão do conhecimento gerado pela abstração. Somente Deus, o criador de tudo, poderá ter intelecções diretas e perfeitas das coisas. O conhecimento do homem, tanto de coisas particulares como de coisas universais, permeia o campo da sensação e, conseqüentemente, da simples opinião¹³⁵.

Para Abelardo apenas Deus poderia conhecer o todo de qualquer elemento, questão ou circunstância. O homem estaria fadado a conhecer apenas parte do todo porque o conhecimento humano, a operação cognitiva humana se dá por abstração o que reduz a coisa em si.

Bueno ao citar Kant¹³⁶, a fé é “um estado de espírito, é uma convicção que temos a partir de fundamentos que são subjetivamente suficientes, mas objetivamente insuficientes.” Para Kant, a crença tem três pilares basilares: fé, opinião e ciência.

Não há nenhum saber no uso teórico e prático da razão não podendo validar objetivamente o que é subjetivo e, portanto suficiente. Em Kant, a fé é convicção e é pragmática¹³⁷.

¹³³ GILSON, 1998, sp.

¹³⁴ GILSON, 1998, sp.

¹³⁵ GILSON, 1998, sp.

¹³⁶ KANT apud BUENO, V. C. A. *Kant e o conceito de fé racional*. In: O que nos faz pensar, n. 19, fev. 2006.

¹³⁷ KANT, I. *Crítica da razão pura*. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

A fé é firme e tem natureza doutrinal. A existência de Deus não poderá ser concebida pela razão no seu uso teórico, assim como a crença em uma vida futura e a liberdade da vontade.

O entendimento humano é capaz de conhecimento, de ciência, mas limitado ao domínio da sensibilidade, da experiência possível [...] a intuição apenas enquadra essas impressões graças às formas a priori do espaço e do tempo, criando-se o fenômeno. A inteligibilidade do fenômeno é devida unicamente às categorias, formas a priori do conhecimento¹³⁸.

A filosofia transcendental kantiana mudou substancialmente o conceito de fé herdado da Idade Média. A razão ganha autonomia na tentativa de explicar a fé com bases racionais isto é, se Deus for pensado a partir do mundo criado que é visto e que se percebe organizado, então mesmo que seja uma validade subjetiva se pode crer que existe e está também validado no campo doutrinal.

De outro modo, a fé prática consiste em fazer análise das ideias da razão uma vez que partindo do pressuposto que Deus é um ser abstrato só pode ser percebido quando trazido para o campo da razão aonde pode ser pensado.

O discurso religioso pentecostal não incentiva o fiel ao conhecimento filosófico e teológico de Deus. Após verificação de grades curriculares de algumas escolas teológicas a exemplo da Escola Bíblica Permanente Sião, em Belo Horizonte/MG, da ETAD (Escola de Teologia da Assembleia de Deus), em São Paulo/SP ambas de confissão assembleiana, do ITQ, (Instituto Teológico Quadrangular), em Belo Horizonte/MG e ainda ITE, (Instituto Teológico Ebenézer), em Betim/MG estão vinculadas á Igreja e, portanto se verificou que sua doutrina, apresenta em suas grades curriculares conteúdos de cunho doutrinal próprio na intenção de garantir a manutenção de seus fundamentos pentecostais como é o exemplo de autores como Duffield e Cleave¹³⁹ com a obra de Teologia Sistemática Pentecostal.

É incomum o estudo da Filosofia de modo extenso nessas grades. Desse modo, vai se legitimando a ideia da impossibilidade de se pensar sobre Deus porque basta apenas crer que ele existe diante das evidências que ele dá nas suas manifestações.

¹³⁸ KANT, 1994, p.36.

¹³⁹ DUFFIELD, Guy P. E CLEAVE, Nathanael M. Van. *Teologia Sistemática Pentecostal*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1999.

O raciocínio mais moderno na linguagem da Teologia Pentecostal encontrado nestes segmentos é o de que a teologia estuda a manifestação de Deus, não sendo possível estudar a Pessoa de Deus propriamente dita.

De acordo com Alves¹⁴⁰, a linguagem religiosa, “é uma extensão simbólica do corpo do crente”. É ela que regulamentará seu jeito de ser e de viver, de encontrar o prazer e anular a dor, por isso, quando a linguagem religiosa é ferida, é como se seu corpo fosse atingido.

Ainda para Alves¹⁴¹, a permanência de uma linguagem depende de sua funcionalidade. E enquanto ela funciona bem não fazemos perguntas sobre a sua verdade, ou seja, se funcionar será verdadeiro.

No caso da linguagem religiosa, é importante ter claro que o fascínio dos mundos que ela cria está, pois em seu poder para transformar o caos em ordem e viver em um mundo organizado é o que o ser humano contemporâneo idealiza.

O protestantismo é, portanto, um mundo linguístico sob o qual o ser humano estrutura a sua vida e dá ordem ao caos que lhe persegue. Ele utiliza certos elementos que outros grupos também usam a exemplo da fé, da graça e da salvação e ele despreza outros (papa, purgatório, transubstanciação).

Foucault¹⁴² afirma que o poder não se institui meramente por repressão e medo, ele cria novas formas de relação, induz ao prazer, enfim, dá satisfação ao dominado.

O movimento pentecostal especificamente tem como característica um discurso heterogêneo em que o texto escriturístico, o raciocínio interpretativo pode muitas formas.

Entende-se que as variadas formas de interpretar o texto mediante seus contextos fazem com que a esquizofrenia conhecida como a “síndrome da mente dividida” esteja alimentada pelo discurso referente. Cite-se por exemplo, a própria doença que pode ser entendida como possessão maligna posto que de acordo com os intérpretes da Bíblia, a epilepsia no contexto do Novo Testamento era considerada aflição maligna. Em outras situações líderes pentecostais apregoam que quem tem Deus jamais morre porque a promessa de Deus precisa se cumprir.

¹⁴⁰ ALVES, 2004, p.32.

¹⁴¹ ALVES, 2004, p.41.

¹⁴² FOUCAULT, 2001, p.136.

2.6 O sofrimento mental e a abordagem religiosa discursiva

O portador de transtorno mental com conteúdo religioso tem muitas vezes a incidência de quadros de atitudes e situações de seu dia a dia que é ora “santo” ao extremo, ora “perturbado espiritualmente” ao extremo.

Segundo Fitz citado por Lotufo¹⁴³, algumas pessoas são ajudadas pela religião e a escolhem como um caminho de crescimento, enquanto que para outros ela é uma fonte de estresse que pode resultar em transtorno mental.

Comumente se verifica que estas pessoas ora assumem os ofícios religiosos como o de profetas ou portadores dos dons de milagres ora estão tão perturbados que a sua própria comunidade de fé sugere que este está “endemoninhado”.

Quando isso ocorre, infelizmente, as sessões para sua libertação consistem não raras vezes em suplícios disfarçados de processo para libertação. Inicia-se assim, dolorosos procedimentos para a cura que nem sempre surtem o resultado esperado, mas que vão apenas realçar o entendimento que o grupo em comento tem sobre a questão aqui esposada.

Lotufo¹⁴⁴ entende que a religião pode propiciar doença e até mesmo morte.

Prescrever comportamentos que são prejudiciais à vida ou à saúde: uso de substâncias contaminadas em rituais, cerimônias funerárias - p.e. colocar o morto em um rio -, suicídio ritual, guerras religiosas, tortura e execução em nome da religião, casamento endogâmico que pode provocar ou perpetuar transtornos genéticos, grandes viagens para encontros religiosos aumentando o risco de acidentes, segurar serpentes venenosas em cultos pentecostais nos EUA, relações sexuais com sacerdotes ou sacerdotisas em cultos de fertilidade. Proscriver comportamentos que podem prevenir doenças ou ter um efeito positivo no seu tratamento.(ascetismo extremo, desencorajar o aceitar de princípios modernos de saúde pública e tratamento médico, proibir medicamentos, transfusão de sangue ou cuidado médico especializado).¹⁴⁵

¹⁴³ LOTUFO, 1999, 30 apud FITZ, 1990, sp.

¹⁴⁴ LOTUFO, 1997, p.137.

¹⁴⁵ LOTUFO, 1997, p.137.

Ao passo que como se verá adiante, a religião com sua prática e seus discursos reorientados contribuirão positivamente para o portador do sofrimento mental em comento.

Segundo AmatuZZi¹⁴⁶ verifica que a presença da religiosidade nos atendimentos clínicos não é apenas eventual, mas está, muitas vezes, estreitamente vinculada ao problema psicológico que é trazido para a psicoterapia.

Tem - se encontrado casos de interpretação espiritual ou religiosa para problemas de percepção ou de comportamento (como, por exemplo, influência de demônios ou outros espíritos nas atividades cotidianas), ou mesmo de esclarecimentos religiosos para problemas psicológicos (como, por exemplo, culpabilidade, principalmente no campo da sexualidade, alimentada por doutrinas religiosas ou diretamente por líderes religiosos).

Lotufo¹⁴⁷ ao citar Schumaker lista os principais argumentos do conflito religioso do paciente esquizofrênico:

- a. Gera níveis patológicos de culpa. b. Promove o auto-denegrir-se e diminui a auto-estima, através de crenças que desvalorizam nossa natureza fundamental. c. Estabelece a base para a repressão da raiva. d. Cria ansiedade e medo através de crenças punitivas (por exemplo: inferno, pecado original, etc.) e. Impede a autodeterminação e a sensação de controle interno, sendo um obstáculo para o crescimento pessoal e funcionamento autônomo. f. Favorece a dependência, conformismo e sugestionabilidade, com o desenvolvimento da confiança em forças exteriores. g. Inibe a expressão de sensações sexuais e abre caminho para o desajuste sexual. h. Encoraja a visão de que o mundo é dividido entre "santos" e "pecadores", o que aumenta a intolerância e a hostilidade em relação "aos de fora". i. Cria paranóia com a idéia de que forças malévolas ameaçam nossa integridade moral. j. Interfere com o pensamento racional e crítico.¹⁴⁸

Para Jung¹⁴⁹, o psicólogo que se coloca numa posição puramente científica, não deve considerar a pretensão de todo credo religioso: a de ser o possuidor da verdade exclusiva e eterna. Uma vez que trata da experiência religiosa primordial, deve concentrar sua atenção no aspecto humano do problema religioso, abstraindo o que as confissões religiosas fizeram com ele.

¹⁴⁶ AMATUZZI, 2003, p.2.

¹⁴⁷ SCHUMAKER, 1992, sp. apud LOTUFO, 1997, p.30.

¹⁴⁸ SCHUMAKER, 1992, sp. apud LOTUFO, 1997, p. 30.

¹⁴⁹ JUNG, 1978, p.39.

Em assim sendo, torna-se desafiador identificar no portador de transtorno mental com conteúdo religioso as realidades que o cerca posto que na maioria das igrejas com discurso pentecostal, a ênfase que se dá ao mundo diabólico conduz o fiel a se aproximar muito do que chama de processo de libertação, expulsão de demônios e exorcismos.

Nota - se que é tão marcante essa situação nesses meios pentecostais que o portador do sofrimento mental por vezes vê espíritos denominados malignos em sua casa, na igreja e nos lugares por onde anda.

3 REELABORANDO O DISCURSO RELIGIOSO PENTECOSTAL: UM ESTUDO DE CASO.

Nesse capítulo será apresentado estudo de caso de um portador de Esquizofrenia Comportamental e se discutirá sobre a possibilidade de nova postura dos fiéis esquizofrênicos frente ao Discurso Pentecostal referente para a retomada da realidade sem que o enfermo perca a fé.

3.1 Estudo de Caso

E.S.D.¹⁵⁰, 30 anos, mecânico industrial, portador de transtorno mental com conteúdo religioso se torna às vezes bastante confuso e irritado: “Sei que minha doença é um modo de Deus me mostrar que no passado quando tinha uma hérnia inguinal, minha mãe me levou prá ser operado. Ela não confiou em Deus. Deixou um homem mexer no meu corpo e por isso estou doente”.

O primeiro surto percebido pela família se deu logo após. E.S.D. se afastou do emprego e retornou para casa, há 50 quilômetros levando consigo apenas o colchão e a bicicleta. Todo o trajeto transportou tais objetos num ônibus coletivo.

No início do tratamento psicoterapêutico, os médicos de E.S.D advertiram seus familiares que seu comportamento em relação a sexualidade deveria ser visto como algo normal ou seja, fora advertida de que sua sexualidade seria exteriorizada sobretudo pela via da masturbação posto que a própria esquizofrenia acentuaria tais ocorrências.

Á época frequentava a Igreja Pentecostal Deus é Amor. E.S.D. trabalhava numa empresa de colchões como estagiário e pretendia permanecer na mesma como profissional. No entanto, enquanto firmava na área profissional participou de um culto em um determinado domingo e recebeu uma profecia de que era vocacionado para a “obra”, termo usado para designar a pessoa para o exercício religioso e que deveria deixar tudo porque Deus estaria garantindo seu sustento a

¹⁵⁰ E.S.D. residente no interior de Minas Gerais, evangélico, de família assembleiana, mecânico, tem atualmente 29 anos. Foi diagnosticado como portador de esquizofrenia comportamental em 2002 permanecendo resistente ao tratamento médico até meados de 2005. Tem histórico de duas internações psiquiátricas, sendo a primeira por quatro dias e a segunda por 19 dias. Atualmente, E.S.D. segue tratamento psiquiátrico e terapêutico, encontra-se equilibrado. Seus delírios no tocante á religião parecem menos acentuados e freqüenta a Igreja com menos assiduidade.

partir de então. Assim, E.S.D. recebeu a profecia, acreditou nela e abandonou o emprego.

A família resolveu responsabilizar os líderes da referida denominação e em busca de solução e explicação para o comportamento, a família recebeu do terapeuta de E.S.D a explicação de que sofrimento mental do paciente tinha fundo religioso e que na verdade, o elemento religião seria apenas um gatilho para evidenciar a esquizofrenia.

Ocorre que E.S.D nunca se sentiu à vontade com a questão. Como evangélico entrava em colapso todas as vezes que se masturbava. O sentimento de culpa o levava por vezes a necessidade de internações psiquiátricas na emergência ou ainda a longas ligações telefônicas para o terapeuta no meio da noite para aliviar-se da culpa.

E.S.D em decorrência de interpretar que agora, após membro de uma igreja cristã era de algum modo um ser humano melhorado propôs para si e informou à família que por durante algum tempo ajudaria aos pobres e num momento em que estava desempregado, que sua família arcava com suas necessidades básicas como a exemplo de vestuário, alimentação e contribuição previdenciária e não dispunha de nenhuma condição para tal.

Aos poucos, a família percebeu as alterações em seu comportamento e, para os fiéis da denominação religiosa, agora, o que dantes o denominavam de vocacionado agora o chamavam de possesso. Todo um trabalho envolvendo exorcismo e exclusão do grupo foi iniciado acentuando o sofrimento mental do mesmo apesar de todo empenho familiar no acompanhamento do paciente aos possíveis tratamentos médicos.

E.S.D. aceitou ser tratado por um terapeuta e um psiquiatra anos após receber o diagnóstico de que era portador de esquizofrenia comportamental. Até então, quando os surtos ficavam recorrentes, os familiares o encaminhava para a internação psiquiátrica onde permanecia o tempo necessário para a suposta melhora.

Durante as internações, os médicos procuravam extrair de E.S.D algumas informações sobre seu estado em busca de auxílio para a prescrição de medicamentos mais adequados.

E.S.D. não respondeu ao tratamento imediatamente como já visto. Os medos invadiram sua mente e no extremo da perturbação era capaz de viajar a pé de um

estado sem documentos e apenas com a roupa no corpo. A cada surto ficava mais desajustado emocional e fisicamente.

A família, de tradição protestante pentecostal recorreu aos grupos de oração da igreja na esperança de que um milagre pudesse acontecer apesar das afirmativas da impossibilidade de cura.

Percebeu - se que o paciente relutava em responder se via ou ouvia vultos, quadro comum aos pacientes portadores desse transtorno. Durante muitos meses relutou em partilhar com os médicos que era flagelado por esses eventos.

A negação, o que se verificou depois tinha estreita correspondência com os ensinamentos aprendidos na igreja. Se afirmasse que via e ouvia vultos estaria declarando vítima de possessão. A mesma comunidade eclesial o aconselhava á época, como já foi dito, a não aceitar tantos medicamentos por que o mal que sofria era de ordem espiritual apenas.

Percebeu - se ainda que em momentos de crises mais intensas E.S.D parecia confundir vozes e vultos típicos da esquizofrenia com espíritos malignos e os via soltos pela casa. Por vezes, podia ser visto expulsando demônios pelos cômodos de sua residência durante o dia. Ao passo que elevava os braços em direção ao invisível proferia comandos para que saíssem.

Atualmente, E.S.D tem apresentado um quadro positivo no tocante á melhora. Recebeu tratamento adequado com as terapias medicamentosas e está orientado sobre como enfrentar os inimigos imaginários que vez ou outra se apresentam.

E.S.D se batizou e frequentou a Igreja Pentecostal Deus é Amor por alguns anos como já mencionado infra. Aprendeu da liderança da referida Igreja que não precisava se preocupar com a sua própria morte por causa da promessa divina. Recentemente, o líder fundador desse movimento dissidente de outra denominação pentecostal faleceu.

Juntamente com a família E.S.D se colocou a considerar sobre a imortalidade pregada nos sermões da igreja. O pentecostalismo traz temas que incentivam como a graça, a fé e a profecia. Também não há como escapar das relações de poder, elas sempre estarão permeando as relações humanas.

E.S.D. conviveu diretamente com os vários Derrames Cardiovasculares de seu pai. A certa altura, desejou que o mesmo fosse curado. No contexto religioso que vivia um dos sacerdotes da liderança lhe garantiu que ele tinha o dom da cura e que por isso não devia aceitar a situação do pai acamado.

Num de seus surtos, ordenou que o pai já bastante debilitado levantasse da cama. Como não obteve êxito entrou em choque com a fé e a religiosidade entrando num estado de depressão por vários dias.

Seu raciocínio sobre a imortalidade surge dos ensinamentos recebidos na igreja que “Se a Bíblia diz que quem tem promessa de Cristo jamais morre, então eu acredito nisso.”¹⁵¹ Nunca vou morrer! O médico que me operou não sabia o que estava fazendo. Causou uma cicatriz no meu corpo e é por causa dessa cicatriz que eu estou doente”.

E.S.D apresenta comportamento típico de um portador de transtorno mental com conteúdo religioso em relação a morte é que ao temê-la reage fazendo a hermenêutica própria do texto bíblico cristão que diz que “Quem está em Cristo jamais morrerá!”

Uma das aflições oriundas da doença no tocante à morte é o anúncio dos óbitos da cidade em que reside. O serviço é contratado pela família ou amigos do falecido e mediante o uso de um carro de som, o responsável anuncia o falecimento pelas principais ruas da cidade E.S.D. demonstra ódio e repulsa pelo rapaz responsável pelos anúncios. Já prometeu matá-lo porque afirma que pensamentos intrusivos de morte o prejudicam sempre que ouve os anúncios.

Em contrapartida, por temer o processo de morrer sempre discute com seus familiares sobre como será o morrer em si e ensimesma semanas inteiras com esta situação. No auge de seus delírios, neste particular afirma para si e para todos que jamais morrerá e se assegura disso mediante sermão que ouviu em um dos cultos pentecostais.

Percebe - se que a religião no seu aspecto não funcional, no quesito em que Lotufo afirma que pode dificultar o crescimento pessoal e desenvolvimento da autonomia apresenta-se um dos relatos para a análise proposta é a de um rapaz evangélico que aos 21 anos viveu a primeira crise.

Atualmente, embora medicado e em frequente terapia, o paciente em análise ouve diuturnamente conselhos da comunidade acima citada para abandonar o tratamento e esperar pela cura.

Uma das dificuldades percebidas em E.S.D. está a de conceber a relação entre fé e realidade, fé e razão. Tem uma prática de leitura constante e costuma

¹⁵¹ 1 Tessalonicenses, capítulo 4, versículos 15-17.

reclamar que não consegue entender “como fica a questão da fé e da razão para o entendimento do ser de Deus”.

O estado de confusão se dá no ponto em que ouve nas igrejas que frequenta que “Deus está no campo do inteligível, dada a sua soberania e grandeza e que o homem é uma simples criatura dependente de um Deus potente”.

E.S.D. vivencia a culpabilidade no tocante á sexualidade em períodos curtos de dois a três dias numa incidência cada vez mais espaçada á medida que aceita o tratamento terapêutico e psiquiátrico. Por se tratar de um rapaz saudável, porém, aos 29 de idade, não tem um relacionamento permanente. A masturbação é na maioria das vezes sua vilã. Aprendeu na Congregação que o ato é transgressão contra a pessoa de Deus sendo assim repugnante.

Nesse período se vê culpado e questiona os familiares sobre o assunto. Indigna-se com o fato de ser saudável e não poder corresponder aos seus desejos sexuais sem sentir culpa.

Apenas nos momentos de lucidez consegue avaliar o discurso fundamentalista da questão e de novo obedece ao circulo da esquizofrenia entre entender a realidade e fugir dela ao mesmo tempo.

E.S.D. em muitos momentos de confusão, delírio e depressão implorava á família que determinado membro de sua congregação fizesse orações por ele em qualquer hora do dia. As crises de pânico que o assolavam o deixavam incapaz de fazer uma oração por si mesmo ou buscar ainda alternativa em resolver a crise.

Em algumas ocorrências exigia oração do líder por entender que apenas ele estava legitimado a intervir espiritualmente em seu quadro. Verificou-se assim, a perda da autonomia.

No caso de E.S.D, por vezes se sente cristão fervoroso, dotado de dons e pleno da presença de Deus ao passo que não raramente se vê perturbado por espíritos malignos que debocham de sua situação. Por vezes, tem pavor da morte, questiona a eternidade, crê que nunca morrerá, mas não sabe conviver com a possibilidade de seu próprio óbito ou de um ente familiar mais próximo.

E.S.D. permaneceu um longo período sem uso de medicação adequada ao seu quadro porque os líderes da Igreja que freqüentava lhe disseram que não devia se deixar tratar uma vez que Deus iria curá-lo e que de fato ele estava passando por um período de “provas”.

Diante disso, encorajado por este discurso leigo, mas autoritário, abandonou o tratamento terapêutico e enfrentou vários surtos em decorrência de ausência de cuidados. Frise-se, no entanto que o esquizofrênico tem lampejos de realidade. Nesse instante em particular, consegue analisar o jogo do discurso e daí se revolta.

Mesmo em tratamento terapêutico e medicamentoso E.S.D. vive momentos de ansiedade que afeta, sobretudo seu aparelho digestivo. É comum vomitar após ingerir as principais refeições do dia como é o exemplo do almoço e do jantar.

Nesses períodos passa por recolhimento e se torna calado e introvertido. Sua aflição mental, seus pensamentos circulares de perguntas sem respostas fazem com que o organismo se sinta comprometido em seu funcionamento. Atualmente faz uso de medicamento antidepressivo. Já fora mencionado o terror à morte enfrentado por E.S.D. Suas crises acentuaram logo após o falecimento de seu genitor.

Como método pedagógico solicitou ao paciente que criasse um *hamster*. O pequeno roedor tem vida curta. Naturalmente, viveu pouco mais que quatro meses. Nesse evento da perda de um animal de estimação verificou-se uma considerável melhora da percepção do referido paciente no que se refere à morte.

A pesquisadora percebe que a rotina do portador de esquizofrenia ainda distante dessa tomada de consciência consiste em pensar desordenadamente, lembrar todo o tempo de sua doença, procurar um possível culpado por seu quadro, encontrar respostas sem existência e repetir movimentos sempre voltados para a mesma direção ou objeto.

E.S.D. pode ser visto caminhando em direção ao seu televisor pelo menos 5 vezes a cada hora. O movimento é o mesmo: liga o aparelho, parece assistir por um curto espaço de dois a três minutos uma programação qualquer, desliga o aparelho e volta ao quarto, quinze minutos após fará o mesmo movimento até que o sono o domine ou até que encontre outra “tarefa” mais interessante como dar um passeio sem nenhum propósito.

Em dezembro de 2013, E.S.D. foi convidado por um grupo de metodistas para fazer parte de um “retiro espiritual” numa fazenda na região metropolitana de Belo Horizonte. A pessoa que fez o convite direto teve em sua residência e, após convidar E.S.D. participou a sua família na esperança de conseguir autorização para a mesma.

E.S.D. organizou a bagagem com os pertences de higiene pessoal verificando cada item necessário. Mostrou-se disponível e vislumbrado com a viagem e demonstrou que sentia satisfeito e estimado pelo grupo.

Os familiares perceberam na véspera da partida que o convite provocou uma melhora considerável na estima de E.S.D. O evento teve duração de quatro dias. Ao final, E.S.D. retorna para a família e é visível o entusiasmo e o sentimento de pertença social adquirido.

No meio de um movimento eclesial metodista, igreja de natureza histórica e que tem seu berço no contexto acadêmico da Pensilvânia, o discurso se distancia do que está presente no discurso religioso pentecostal. A liturgia se pauta nas meditações e reflexões da Bíblia. Não há menção à existência e atuação de demônios, de recebimento de dons espirituais e de profecias.

O discurso metodista encontrado por E.S.D. apregoava, sobretudo, a tranqüilidade e paz interior. Além disso, o grupo estava formado por pessoas não-leigas, por psicólogos, médicos orientados para a função terapêutica do encontro.

Assim a necessidade da religião e de seu discurso para a saúde mental é afirmada mediante as convicções religiosas.

Na história de vida aqui esposada houve inicialmente um diagnóstico de que a doença era de fato esquizofrenia comportamental e o médico responsável advertiu à família de que sua realidade mudaria em decorrência do estilo de vida do paciente partir dali e que num segundo momento deveriam se orientar no sentido de que se tratava de uma doença sem cura.

Atualmente, ajuda a família a recordar as datas e não necessita ser conduzido à casa de saúde mental posto que ele próprio tem a iniciativa de comparecer no horário determinado.

A pesquisadora verifica que “a cura” foi possível a partir de uma fala de E.S.D. “Se eu me tratar eu já estou curado! Entendi que se eu aceitar o tratamento, isso já é cura. Estou muito melhor hoje!”

Num dado momento, E.S.D. mudou o comportamento em relação à esquizofrenia e aos medicamentos. Há mais de quatro anos está disciplinado para cumprir todas as datas relativas ao tratamento terapêutico e psiquiátrico. Antes, precisava ser lembrado das datas das consultas e das injeções de *aldol decanoato* a cada quinze dias.

Percebe-se que o elemento religioso, da fé e da cura não foi excluído da linguagem do portador de esquizofrenia comportamental. Ocorreu uma conscientização a partir das motivações dos grupos de oração em crer que algo poderia melhorar naquela realidade de sofrimento mental. Em longos períodos de aflição mental, E.S.D podia ser visto orando em seu quarto, em voz alta.

Embora não houvesse choro e estado emocional alterado, aquele instante de devoção o deixava mais calmo. Por outras vezes recorria à líder religiosa da igreja em que congregava e pedia oração, ou ainda em alguns casos recorria a sua mãe ou à irmã por fazerem parte de uma igreja evangélica.

Desse modo, neste capítulo serão discutidas as possíveis formas de contribuição da retomada da realidade do esquizofrênico sem que se perca a fé.

3.2 Possibilidade de nova postura dos fiéis esquizofrênicos frente ao Discurso Pentecostal referente

A religião tem um papel importante na adaptação do homem ao mundo. Segundo Espírito Santo¹⁵², a religião garante a sobrevivência e o desenvolvimento cultural da pessoa humana apesar de que muitos psicólogos e psiquiatras consideram a religião como culpada e até mesmo nociva à saúde mental da pessoa. Em assim sendo, a religião jamais deveria funcionar no sujeito como elemento opressor.

Consoante, no século XX grupos calvinistas atestaram que a chamada Psicoteologia poderia ser uma importante aliada à cura dos sofrimentos mentais pela via da fé já que as doenças psicológicas são doenças da alma.

A fé é a capacidade que o homem tem de buscar respostas que dêem sentido à vida e que corresponda às suas necessidades do cotidiano. É universal e independe de cultura ou crença.

Pereira¹⁵³ entende que a fé vem das áreas profundas do inconsciente e, embora tenha origem no divino e seja, portanto, transcendente, é impulsionada pelo numinoso independentemente da vontade humana.

¹⁵² ESPIRITO SANTO, 1999, 39 apud LOTUFO, 1997, p.114.

¹⁵³ PEREIRA, Daniela Martins. *Experiência Religiosa da Fé e Desenvolvimento Humano*. São Paulo, 2008, p.5.

Segundo Larousse¹⁵⁴, fé é “crença nos dogmas de uma religião, adesão total do homem a um ideal que o excede, a uma crença religiosa, é ainda crença fervorosa e lealdade à religião”.

Para Pereira¹⁵⁵, a fé pode ser compreendida como:

resposta à dúvida, em que o ser humano é levado pela necessidade premente buscando a solução do que lhe perturba o ser. Pressionado pelas possíveis conseqüências de seu mal e a reposta, também desconhecida, mas esperada, do objeto de sua fé, ele cegamente salta na aventura da incerteza, esperançoso da resposta certa do divino no qual crê. Isto é fé, é confiar em meio à desconfiança.¹⁵⁶

Associado à fé há a participação na atividade religiosa tais como cultos, reuniões, leitura e interpretação de textos bíblicos em reuniões próprias com mentores previamente designados.

De acordo com Pereira¹⁵⁷, a fé é inseparável do ser humano. Constitui em atributo essencial da existência, pela própria natureza, liga-se à realidade psicológica do ser que crê, envolve sentimentos, emoções, vontade, desejos, atitudes e demais aspectos da personalidade. Para ele, o ato de crer é movido por impulsos mais profundos do que simplesmente crer. Muitas vezes são substratos inconscientes que se manifestam como ação volitiva ou ainda por decisão racional.

Nesse sentido Dalgarrondo¹⁵⁸ estima que além da fé, “o apoio social dos grupos religiosos, a disponibilidade de um sistema de crenças que propicia sentido à vida e ao sofrimento, o incentivo a comportamentos saudáveis e regras referentes a estilos de vida são propiciadores da saúde”.

Amatuzzi¹⁵⁹ salienta que as patologias do sofrimento mental comportam na maioria das vezes o elemento religioso e, a vida contemporânea se fragmenta em muitas esferas, a saber: ciência, razão, família, relacionamentos e etc e, a religião é o único elemento capaz de dar sentido à vida justamente pelo fato de o ser humano trazer em si a religiosidade nata.

¹⁵⁴ LAROUSSE, 2005, 424 apud LOTUFO, 1997, p.117.

¹⁵⁵ PEREIRA, 2008, p.23.

¹⁵⁶ PEREIRA, 2008, p.23.

¹⁵⁷ PEREIRA, 2008, p.23.

¹⁵⁸ DALGARRONDO, Paulo. *Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais*. São Paulo: Saraiva, 2006, sp.

¹⁵⁹ AMATUZZI, 2001, p.124.

Em sua tese doutoral, Zimmer¹⁶⁰ afirma que a reabilitação psicossocial em esquizofrenia envolve a “utilização de intervenções para ajudar a pessoa com este transtorno a melhorar capacidade para lidar com os sintomas, e melhora o nível de satisfação com a vida”.

Desse modo, a religião pode auxiliar ao portador de esquizofrenia ao controle de sintomas positivos e recaídas fazendo a vida valer a pena sendo esse o domínio da reabilitação psicossocial.

A filiação religiosa assim como participação religiosa segundo Lotufo¹⁶¹, não ocorre apenas por causa do compromisso religioso ou da filiação em si. Pode ser por um profundo desejo de aprovação social. Frequentar os serviços religiosos, oração pública, oração solidária, meditação e reflexão das escrituras podem ser importantes para a promoção da saúde mental.

Lotufo¹⁶² entende que a comunidade religiosa pretende prover apoio social nos enfrentamentos das contingências que o cotidiano apresenta. A religiosidade, a ortodoxia religiosa, o compromisso podem levá-lo a ver a religião como fator de fortalecimento e que podem implicar positivamente para a saúde do portador de esquizofrenia comportamental.

A religião pode oferecer ao ser humano a visão global do mundo auxiliando-o a encontrar sua unidade. Lopez¹⁶³ afirma que a religião é um fenômeno humano universal de valência psicológica e cultural positiva.

Jarvis apud Lotufo¹⁶⁴ apontam modos de como a religião pode reduzir os riscos de doenças e morte como prescrever comportamentos que as previnem ou que auxiliam no seu tratamento, proscriver comportamentos que podem ser prejudiciais à vida ou ao tratamento, colocar o indivíduo dentro de um grupo de apoio que o ajuda em tempos de necessidade, cultivar atitudes que podem dar uma perspectiva útil para enfrentar os sofrimentos da vida.

Entende-se que a grande vilã que se sobrepõe à fé no exercício da religião é a natureza fundamentalista do discurso religioso pentecostal e ainda os significados

¹⁶⁰ ZIMMER, 2006, p.127.

¹⁶¹ LOTUFO, 1997, 177.

¹⁶² LOTUFO, 1997, p.177.

¹⁶³ LOPEZ, 1999, sp.

¹⁶⁴ JARVIS, 1987, sp. apud LOTUFO, 1997, p.137.

heterogêneos e contraditórios nas exegeses construídas mediante o texto escriturístico o que acentua a “síndrome da mente dividida”.

Nesse sentido, Fromm apud Lotufo¹⁶⁵ classifica a religião em humanista e autoritária. A primeira seria mais saudável por focalizar a força do ser humano e a sua auto-realização.

Na segunda, as pessoas deixar-se-iam controlar por um deus que é visto como merecedor de reverência, adoração e obediência levando ao dogmatismo, se restringe o pensamento e limita a liberdade e as oportunidades, distorcendo a realidade, separando as pessoas e despertando medo e ansiedade.

A natureza dogmática e rígida do discurso pentecostal na composição das normas pode causar dependência nos destinatários dos ensinamentos proferidos. Em sua obra “Autoridade e Submissão”, Nee¹⁶⁶ pontua que “o Evangelho não é somente para o homem crer, mas também para o homem se submeter”. Essa submissão refere-se à autoridade representativa e delegada das igrejas pentecostais em geral.

Salienta que não há sequer nenhuma autoridade na igreja que se possa ignorar. Ele, (Deus) quer que toda autoridade seja exercida pela mesma. Quando a igreja for submissa, a terra se submeterá à autoridade de Deus. Por esta razão, a igreja é a estrada para o Reino. Se não for assim, a igreja se tornará um obstáculo para o Reino.

Nee¹⁶⁷ entende que se o sacrifício vicário do Cristo trouxe paz e vida aos homens, a verdadeira submissão é encontrada quando, apesar do sofrimento ainda há obediência, a exemplo do Cristo narrado em Hebreus.

Para Nee¹⁶⁸, a utilidade do homem não está no que ele sofreu, mas em aprender a obediência ao sofrer. Assim, nesta perspectiva, um humano que anseia pela tranquilidade, paz e desfrute não é útil.

Pertinente é a abordagem feita por Alves¹⁶⁹ ao afirmar que uma instituição é um mecanismo social que programa o comportamento humano de forma especializada, de sorte que ele produz os objetos predeterminados pela instituição.

¹⁶⁵ LOTUFO, 1997, p.177.

¹⁶⁶ NEE, Watchman. *Autoridade e Submissão*. São Paulo: Árvore da Vida. 1993, p.53.

¹⁶⁷ NEE, 1993, p.54.

¹⁶⁸ NEE, 1993, p.54.

¹⁶⁹ ALVES, 2004, p.47.

Ela, a instituição serve para preservar soluções aplicadas no passado e auxiliar os conflitos que possam surgir no futuro isto é, se consagrou competente para dirimir seus problemas e se vê legitimada a continuar fazê-lo.

Nesse sentido Alves¹⁷⁰ salienta que:

na medida em que as instituições cumprem satisfatoriamente suas funções acontece a identificação da funcionalidade da linguagem com a verdade, a justificação ideológica das próprias instituições a partir do discurso que elas fazem sobre elas mesmas, utilização da descrição das realidades institucionais para embasar imperativos éticos e a proibição do “discurso crítico, que é substituído pelo discurso operacional ou apologético.”¹⁷¹

Percebe-se a natureza aniquiladora do discurso religioso pentecostal para a impossibilidade do bem estar e da realização mediante as potencialidades naturais da vida mediante usurpação que o sistema religioso pentecostal se vale para se legitimar como discurso de verdade absoluta.

Ademais, os efeitos dos raciocínios acima apresentados quando incidentes no contexto do esquizofrênico podem acentuar o que se denomina “síndrome da mente dividida”, ou seja, o paciente desse sofrimento mental ao passo que quer ser feliz e livre convive com a preocupação de corresponder ao discurso religioso que privilegia o sofrimento em detrimento da paz.

Há, no entanto, momentos da vivência religiosa em grupo que o discurso diverge do que tange ao martírio, ao sofrimento. Discursa-se sobre as potencialidades sobrenaturais, metafísicas advindas do Divino favorecendo no portador da esquizofrenia a expectativa de uma vida sobrenatural em que poderá se valer de dons adquiridos em momentos de profunda entrega e alienação.

A teologia desenvolvida por Stott¹⁷² apregoa que o ensino bíblico e a experiência pessoal se unem com o propósito de ensinar que o sofrimento é o caminho para a santidade ou maturidade. De acordo com Stott¹⁷³ sempre há algo indefinido acerca de pessoas que sofreram. Possuem certa fragrância que falta nas outras, pois possuem a ternura e a mansidão de Cristo.

A aflição física mencionada pelo apóstolo Pedro, na realidade tem o efeito de fazer que paremos de pecar. O discurso fundamentalista pentecostal propaga que se tem de aprender a subir no monte chamado calvário, e, dessa posição vantajosa,

¹⁷⁰ ALVES, 2004, p.47.

¹⁷¹ ALVES, 2004, p.51

¹⁷² STOTT, 2006, p.525.

¹⁷³ STOTT, 2006, p.525.

contemplar todas as tragédias da vida. Para Stott¹⁷⁴, a cruz não soluciona o problema do sofrimento, mas proporciona a perspectiva essencial da qual se pode examiná-lo.

Toda “vontade-necessidade última” do ser humano que se denomina cristão é a garantia da salvação. Entrementes, essa salvação é apresentada no discurso pentecostal como algo que consegue com muita dificuldade e que exige esforços extraordinários a quem a pleiteia. O código de regras e rigorismo do sistema cristão – eclesiástico torna o fiel alienado da realidade do mundo.

O portador de esquizofrenia recebe todas as regras, impedimentos e limitações de sua vida no âmbito, civil, moral e religioso no contexto de um diagnóstico de doença denominada também de mente dividida. O colapso emocional e mental é inevitável posto que se torna cada vez mais confuso.

Se o discurso religioso pentecostal limita, pune, amedronta pessoas consideradas saudáveis, com pessoas portadores de qualquer tipo de sofrimento mental, o efeito é devastador.

De acordo com Lotufo, as imposições dirigidas ao fiel portador de esquizofrenia podem causar o modo obsessivo do mesmo:

Na esfera religiosa, a pessoa apresenta dogmatismo e dúvida, relacionados à atenção rígida e estreita da consciência obsessiva. Têm dificuldade de adquirir novas informações, ignoram aspectos contraditórios ou questionáveis, mas detalhes que são insignificantes aos olhos dos outros dão origem a dúvidas. A experiência religiosa gira em torno da culpa e vivem diante da compulsão da necessidade moral. Regras, regulamentos e convenções tornam-se as normas que guiam decisões e comportamentos.¹⁷⁵

Amatuzzi cita Rigacci¹⁷⁶ para afirmar que o fundamentalista assume uma atitude dogmática e autoritária em relação àquilo que pensa e uma atitude “inquisitorial” frente àqueles que se mostram diferentes e divergentes de suas crenças, o outro é sempre uma ameaça; é fonte de dúvidas e insegurança; daí a necessidade de submeter este outro às suas crenças e torná-lo um repetidor das suas palavras e gestos.

¹⁷⁴ STOTT, 2006, p.525.

¹⁷⁵ LOTUFO, 1997, p.44.

¹⁷⁶ RIGACCI, 2009 apud AMATUZZI, 2005, p.49.

Já Jung¹⁷⁷ ao trazer sua contribuição para o possível esclarecimento da questão da religião defende que a religião constitui uma das expressões mais antigas e universais da psique e a psicologia por sua vez deve constatar que a religião é fenômeno histórico e religioso constituindo assim importante assunto para um número expressivo de pessoas.

Consoante, James citado por Ballone¹⁷⁸ em sua experiência particular com o religioso rejeitava os absolutos tais como a pessoa de Deus e o que o Cristianismo chamava de verdade. Seu comportamento se dava em favor da construção de sua experiência pessoal, nas suas descobertas e no seu auto-aperfeiçoamento.

Ávila¹⁷⁹ contribui com a reorientação religiosa para o portador de transtorno mental ao utilizar o significado de mística religiosa como sendo um fechar de olhos sem a intenção de fugir da realidade, de se distanciar dela e das percepções da realidade imediata, mas, de adentrar na esfera profunda da comunhão ao ponto de apreendê-la em sua plenitude.

É a capacidade de escutar e perceber a profundidade do próprio ser. Esse processo nada mais é que de natureza puramente psicológica. É a chamada experiência religiosa que por vezes pode vir acompanhada de visões, êxtases e evocações dependendo do rito a que se prestam. Importante notar que na concepção de Ávila¹⁸⁰, a experiência religiosa a partir de sua natureza mística não precisa se acompanhar de êxtases para sua validade.

3.3 Reelaboração do Discurso Religioso Pentecostal

De acordo com Lotufo¹⁸¹, a espiritualidade é o processo pelo qual os indivíduos reconhecem a importância de orientar suas vidas a algo não material que está além e é maior do que eles próprios, de modo a ter reconhecimento ou, pelo menos, alguma dependência a um poder superior, ou espírito.

A espiritualidade envolve um processo pessoal dirigido a relacionar o si próprio com o poder superior essencial. Deus, um espírito vivo, pessoal e invisível, criador da vida e o modelo perfeito que deve ser procurado. A religião como fim

¹⁷⁷ JUNG, 1978, p.06.

¹⁷⁸ BALLONE, 2005, sp. apud LOTUFO, 1997, p.114 .

¹⁷⁹ ÁVILA, Antonio. *Para conhecer a Psicologia da Religião*. São Paulo: Loyola, 2003, sp.

¹⁸⁰ ÁVILA, 2003, p. 43.

¹⁸¹ LOTUFO, 1997, p.10.

envolve a verdadeira crença, a religião é realmente vista como a resposta final ao ser humano.

Outrossim, a religião como busca, segundo Batson e Ventis apud Lotufo¹⁸² seria um tipo de religião mais madura, cética em relação às crenças ortodoxas tradicionais e suas respostas, é aberta à sensação de incompletude e a novas tentativas.

A religião é o meio para a busca do contato do sagrado mediante símbolos e ritos e espiritualidade por sua vez é o exercício e manutenção da fé posto que a parte mística do humano se sintoniza ao transcendente na busca de respostas e apoio.

A correlação entre a religião busca e sua finalidade bem como a espiritualidade nata do ser humano são sinônimos no tocante ao resultado com algumas ressalvas a serem consideradas.

Segundo Alves¹⁸³, a manutenção do discurso operacional ou apologético, ou seja, o discurso religioso pentecostal vigente restará mantido até o momento em que as soluções propostas pela instituição não mais satisfarão as necessidades presentes.

As urgências e necessidades das pessoas mudarão e estas, se sentindo num mundo diferente e com problemas novos que resistem às programações institucionais, serão obrigadas a se desviar das instituições”.

Não obstante, as ofertas apresentadas pelo discurso pentecostalista podem exigir do fiel desapego cultural cívico e perda da identidade étnica porque estes elementos essenciais para a vida civil seriam vistos como empecilhos para o acesso à graça divina, às benesses da vida com Deus.

Pierucci ao citar Weber¹⁸⁴ entende que é uma forma de religião definitivamente destrutiva e é percebida por Weber não como algo que consolida o passado, o herdado e o adscrito, mas como algo que os conflagra por dentro “individuo agora individuado”, que se deixa levar por um chamado, um convite, um anúncio, por uma interpelação que se reconhece e, portanto se converte.

Outro elemento do protestantismo pentecostal segundo Alves¹⁸⁵ é a natureza fundamentalista de seu discurso, ou seja, a necessidade de precisão entre o

¹⁸² LOTUFO, 1997, p.20 apud BATSON E VENTIS, 1982.

¹⁸³ ALVES, 2004, p.52.

¹⁸⁴ WEBER, sd. apud PIERUCCI, 2006, p.121.

¹⁸⁵ ALVES, 2004, p.73.

discurso protestante, a confissão de fé, e a essência da fé bíblica. Ele insistia na reta doutrina e na preservação dos argumentos elaborados.

O fundamentalismo constrói aparentemente um mundo estável e fixo, dominado por certezas, e quem quer que ali penetre verá todas as suas dúvidas terminadas. Por isso, o fundamentalismo “não permitiu que as suas definições doutrinárias fossem questionadas pelos eventos históricos”.

A natureza da conversão é elemento coadjuvante no conflito existencial humano. A experiência mística da conversão no contexto do pentecostalismo conduz o indivíduo na contramão de sua realidade limitada e falível isto é, precisa ser agraciado pela salvação para se sentir bem e quando opta em seguir os preceitos de um ser infalível se inicia um processo de conflito posto que tem de se negar a todo custo em todo tempo senão a angústia e a culpa serão presentes.

De acordo com Comblin¹⁸⁶, os mantenedores do discurso religioso pentecostal e legitimados às ministrações nessas igrejas sabem manipular o sentimento de angústia das pessoas e as procuram sempre nos locais mais periféricos da sociedade como presídios, hospitais e etc.

Procuram pelo seu lado mais frágil e deixam certezas de que não há salvação fora de seu grupo e para tanto terá de aderir. Há então dois possíveis resultados mediante tal persuasão: a pessoa se entrega emocionalmente e passa a se conduzir de acordo com as normas e doutrinas estabelecidas para o grupo ou ainda em troca de bênçãos e respostas entregam seus bens e somas de dinheiro na esperança de melhora, cura ou felicidade.

A articulação de um novo discurso sobre a Igreja segundo Alves¹⁸⁷ ruirá com a natureza fundamentalista do discurso religioso e revelará que a relação harmônica entre a instituição e as suas bases sociais foi rompida.

Isso significa que a instituição perdeu o monopólio do falar correto sobre a Igreja. A autoridade se encontra, ao contrário, naquelas situações em que a experiência da fé assume novas formas sociais.

Pode – se afirmar aqui que ao esquizofrênico, a religião e seu novo discurso podem servir como tratamento para o equilíbrio da saúde mental desde que sejam resguardados alguns pontos que serão discutidos a seguir.

¹⁸⁶ COMBLIN, José. *A Igreja e sua missão no mundo*. São Paulo: Edições Paulinas, 1996, p.40.

¹⁸⁷ ALVES, 2003, p.74.

Parafraseando Lotufo¹⁸⁸, a religião e seu discurso pentecostal serão bons se o ser humano ao evocar sua energia ativa tenha a condição de se alinhar com o melhor pensamento de uma determinada tradição positiva porque a ajudará a desenvolver autonomia, auto-estima e autocontrole.

Segundo Lotufo¹⁸⁹, quando a religião provê categorias que trazem sentido à vida e base para o que é essencial no ser humano, se torna mecanismo eficaz para ajudar a transcender e transformar a realidade terrena.

3.4 O Discurso Religioso reelaborado como capacidade terapêutica no tratamento da esquizofrenia comportamental.

Para a reelaboração do Discurso Religioso Pentecostal há que se verificar a capacidade terapêutica no tratamento do sofrimento mental em comento.

Primeiramente, a abordagem terapêutica deve considerar a incidência do fenômeno religioso na clínica psicológica, relevância da religião na cultura, relações entre religiosidade e saúde mental e consideração dos valores na prática clínica constituindo assim, a preocupação da compreensão psicológica na atuação clínica.

Segundo Lotufo¹⁹⁰, historicamente a religião é benéfica à saúde mental, por fornecer cognições fora do ordinário. Mais e mais pessoas abandonam a religião organizada quando ela perde a sua utilidade como instrumento explicativo. Entende que parte da crise na saúde mental estaria relacionada à falta de cognições religiosas passíveis de serem cridas.

Na visão de Lotufo¹⁹¹, a fé religiosa pode contribuir para uma saúde melhor. A certeza e a antecipação que crenças ou práticas irão trazer um resultado positivo no futuro pode ter um efeito curativo podendo levar às curas espontâneas e milagres. A religião pode ainda liberar pessoas de circunstâncias emocionais e sociais restritivas que produzem raiva, hostilidade, solidão e depressão.

Essa condição terapêutica ou de catarse da religião se dá porque a religião pode ser utilizada como uma forma idiomática de demonstrar o sofrimento e

¹⁸⁸ LOTUFO, 1997, p.35.

¹⁸⁹ LOTUFO, 1997, p.141.

¹⁹⁰ LOTUFO, 1997, p.141.

¹⁹¹ LOTUFO, 1997, p.141.

desorganização mental no cotidiano dando á psiquiatria indícios muito prováveis do mal que acomete o paciente facilitando o diagnóstico.

De acordo com AmatuZZi¹⁹², a experiência religiosa tem uma repercussão direta na vida da pessoa porque transforma ou modifica a vida. Para AmatuZZi¹⁹³, a pessoa se abre para um mundo diferente e novo no qual só é possível dar conta dele num processo de dentro para fora, ou seja, não são necessários subterfúgios para a validação dessa experiência, pois é nato e inerente ao ser.

A despeito disso, a fé religiosa carece ser submetida a uma avaliação empírica de sua validade psicológica humana conforme confere Valle¹⁹⁴.

Entende-se que o elemento fé independe da religião, da denominação escolhida como comunidade de fé posto que se supera como condição inteligente do ser humano nas ocasiões que sua precariedade não comporta respostas. A religião apenas pretende dar forma à fé mediante dogmas e doutrinas e ignora que não se pode formatar abstratos.

Para Lotufo¹⁹⁵ quando a religião provê categorias que trazem sentido à vida e base para o que é essencial no ser humano, se torna mecanismo eficaz para ajudar a transcender e transformar a realidade terrena.

O exercício da fé pode ser visto aqui como racionalizações, para a produção do alívio às tensões produzidas por sentimentos não compreendidos, por vazios existenciais a serem preenchidos.

Diante da realidade da doença é interessante que o individuo aprenda a viver com suas potencialidades, a se comportar com os sofrimentos insuportáveis, a encontrar maneira de conviver com o incerto ao passo que se compromete consigo a buscar sentido e preenchimento de sua condição existencial.

Lotufo cita Pfeifer¹⁹⁶ para recomendar que antes de decidir se a fé religiosa é a causa dos problemas, se deve avaliar a psicopatologia e gravidade do transtorno; eventos vitais e capacidades; estresse e tensões em geral; a vida religiosa pessoal do cliente (extrínseca e intrínseca); apoio social relacionado a fatores religiosos (frequência à igreja, aconselhamento, oportunidades); aspectos problemáticos da

¹⁹² AMATUZZI, 1997, p.135.

¹⁹³ AMATUZZI, 1997, p.135.

¹⁹⁴ VALLE, 1998, p.80.

¹⁹⁵ LOTUFO, 1997, p.141.

¹⁹⁶ PFEIFFER, 1994, sp. apud LOTUFO, 1997, p.59.

subcultura cristã do cliente (ensinamentos especiais da igreja, controle social); relações interpessoais com pessoas religiosas; estilo atribucional intrapsíquico e sistema de crenças.

Um aspecto importante que deve se considerar é a abrangência da formação do psicólogo bem como do psiquiatra para o atendimento e acompanhamento do portador de esquizofrenia comportamental no tocante à religiosidade e os impactos dela no cotidiano do paciente.

As grades curriculares das instituições para a formação desse profissional nem sempre oferecem disciplinas relativas à psicologia da religião. O profissional não está pronto para atuar frente ao fenômeno mais comum da vida humana: o elemento religiosidade.

Sabe-se que há escassez de pesquisas e resultados sobre o assunto nos espaços acadêmicos relacionados à questão. Poucos estudam a religião associada à saúde mental. Entre os poucos que fazem tal análise, poucos formulam hipóteses. E, dos que formulam hipóteses negligenciam a publicação dos resultados segundo informa Lotufo¹⁹⁷.

Na perspectiva de Lotufo¹⁹⁸, faltam à psiquiatria interesse pelo quesito religião, falta interesse pelo tema, não há revisão de literatura neste aspecto, não há formulações de teorias e hipóteses, deveria realizar estudos longitudinais e transculturais sobre a doença em comento e ainda seria necessário trabalhar com amostras representativas e por fim, realizar a publicação dos resultados.

Para tanto, Lotufo aponta recomendações para o estudo científico da religião e sua incidência nos transtornos mentais utilizadas por Larson¹⁹⁹ como contribuições ao tratamento da doença tais como rever literatura considerando-se as estruturas sociológicas e psicológicas, incluir com maior frequência uma intervenção religiosa na pesquisa psiquiátrica, incluir medidas de religiosidade, fazer revisão da literatura religiosa para escolher uma medida multidimensional de religiosidade adaptada à dinâmica ou que sejam afetadas pelo status psiquiátrico ou pela intervenção psiquiátrica.

¹⁹⁷ LOTUFO, 1997, p.198.

¹⁹⁸ LOTUFO, 1997, p.198.

¹⁹⁹ LARSON, 1986, sp. apud LOTUFO, 1997, p.195 .

Lopez, citado por AmatuZZi²⁰⁰ afirma que o psicólogo conhece apenas e vagamente algumas posições da psicologia, que excluem as experiências religiosas do âmbito de seus estudos, ou então as consideram como patológicas. No entanto, esse silêncio sobre os temas espiritualidade e religião na clínica psicológica, ao invés de afastá-los da prática e diminuir sua influência nos atendimentos, tem um efeito oposto.

Nessa condição, a tradição da religião perderá sua natureza alienante e se verificará promotora de crescimento. A experiência do esquizofrênico deve ter significado e a religião permitirá então um *religare* do paciente consigo mesmo ainda que o discurso religioso não mude, o paciente deve estar apto mediante esforço terapêutico a utilizar a linguagem religiosa para descrever sua própria realidade atravessando os contornos fundamentalistas envolvidos na linguagem de quem lidera seu grupo.

Sugere-se que o psicólogo deverá como interventor, se aproximar das informações científicas do fenômeno religioso e do contexto e histórico de vida do paciente para transformar o discurso alienante e radical ouvido nos lugares em que se operam os cultos e reuniões em originalidade próprias do paciente para propiciar a interpretação restauradora do discurso favorecendo as descobertas particulares na busca do sentido da vida.

Deve - se criar dinâmicas e métodos que conduzam o portador de esquizofrenia não só á satisfação espiritual e emocional mas, ao retorno de suas responsabilidades basilares como administrar seus bens, sua vida financeira, dirigir seu veiculo, cozinhar para si e cuidar da limpeza da casa e da higiene pessoal.

Entende-se ainda que para a reelaboração do discurso religioso pentecostal operante a experiência mística do esquizofrênico deve perpassar pelo crivo da reflexão e da contemplação.

Para o sofrimento pela via da doença de qualquer natureza há sempre a busca incessante da cura mesmo para aqueles males considerados incuráveis. É comum que haja esforços de toda sorte, empenhos e investimentos para provocar o encontro da resposta cessante para a dor, para o mal.

²⁰⁰ LOPEZ, 1999, sp. apud AMATUZZI, 2005, p.2.

As informações mentais de superação, de força espiritual e de afeto são elementos essenciais para inauguração de um tempo novo para o tratamento da esquizofrenia comportamental.

Outra contribuição que poderá consagrar significativos avanços para a reelaboração do discurso religioso que auxilie o portador de esquizofrenia comportamental são os grupos de apoio da comunidade cristã desde que orientados ao diálogo específico num contexto de fé, de crença, de orações e de atividades que reinsiram o portador de esquizofrenia à vida comunitária, às práticas que descubram e que beneficiem suas potencialidades.

Mormente, os portadores de esquizofrenia comportamental são pessoas com grandes capacidades cognitivas. Muitas delas são profissionais de destaque e com habilidades reconhecidas e que interromperam sonhos, projetos e desejos diante das invasivas da doença. Apresentam quadro depressivo devido às sensações de impossibilidade e desânimo para continuar. Sendo assim, precisam ser estimuladas a se redescobrirem.

Conforme afirma Shapiro citado por Lotufo²⁰¹ a experiência mística é uma facilitadora do processo psicoterápico, integrando a experiência subjetiva e trazendo maior tolerância e aceitação a estados afetivos. Ambas auxiliam a examinar de modo imparcial suas cognições e emoções, melhorando o “insight” e a auto-compreensão restaurando a alteridade constitutiva do sujeito.

Transformar a religiosidade num fenômeno natural, analisável implica no risco de se perder o que há de mais original e próprio dessa dimensão da experiência humana, a saber, o seu caráter social, histórico, essencialmente simbólico.

A oração pode ser considerada como elemento terapêutico, pois, embora haja poucos estudos acerca dos efeitos da oração se sabe que a oração pode ser motivada por consciência de uma necessidade, paz mental, catarse emocional, renovação espiritual, alegria, gratidão e integração da personalidade conforme afirma Lotufo²⁰².

O paciente esquizofrênico deve se tornar o autor da própria experiência religiosa determinada por sua interpretação reflexiva da religião, dos cultos, dos ritos e dos discursos que nela se inserem.

²⁰¹ SHAPIRO, 1994 apud LOTUFO, 1997, p.146.

²⁰² AMATUZZI, 2005, 2 apud LOTUFO, 1997, p.145.

Deve ser motivado pelo terapeuta a se esvaziar dos dogmas assimilados mediante o discurso religioso pentecostal para reler, rever e reinterpretar sua história, objetos e símbolos que o remetam à sua espiritualidade favorecendo assim novas perspectivas.

A interpretação restauradora deve se pautar na denominada fé reflexiva para assumir os símbolos, mitos e experiências religiosas trazidas para a fé prática, a partir de suas próprias experiências vivenciadas, descobrindo-se o seu centro pessoal.

CONCLUSÃO

Diante de todo o exposto se analisou no presente trabalho que não obstante, o Discurso Religioso Pentecostal possa adoecer, acentuar e alienar o paciente esquizofrênico na ordem em que o discurso se dá ainda assim é possível conduzir o paciente à reinterpretação dos significados dos símbolos, mitos e objetos do espaço religioso que convive e com sua própria história religiosa.

Percebe-se ao longo da pesquisa que na reelaboração do discurso pentecostal, a manutenção do elemento fé pode reorientar o paciente esquizofrênico a reaprender a religião como meio e busca do sentido da vida, a reler e reinterpretar sua própria história bem como os elementos que fazem parte da mesma a exemplo dos símbolos, dos ritos e dos conceitos de moralidade aprendidos no universo religioso.

Deve-se conduzir mediante elaboração e explanação de temas ligados à religião discutidos em grupos ou individualmente o esquizofrênico na identificação das características fundamentalistas do discurso religioso de modo que este compreenda as articulações do discurso pentecostal e reconheça a religião como promotora de crescimento, de possibilidade de diálogo aberto e não hermético como o próprio sistema religioso propõe.

Além da reelaboração do discurso religioso em que a fé reflexiva coadunará na prática da fé, o fiel portador de esquizofrenia comportamental poderá ser autônomo para experimentar e vivenciar redescobertas de suas potencialidades e habilidades. É necessário emancipar o portador de esquizofrenia no que diz respeito ao que ouve e ao que recebe de conteúdo religioso por parte das autoridades denominadas eclesiásticas que este encontra no seu cotidiano.

A comunidade de fé poderá atuar como instituição capacitada para a reinserção social de modo a possibilitar melhor qualidade de vida, sensação de bem estar e de acolhimento para o fortalecimento do mesmo.

Ao longo da presente pesquisa se entendeu que o portador de esquizofrenia é comumente pessoa dotada de potencial e habilidades e que após diagnóstico e vivência com a doença deixam de exercitar parte dessas habilidades e pouco se desenvolvem social e profissionalmente. Muitos desses portadores de esquizofrenia comportamental, a despeito da idade são aposentados por invalidez porque terapeutas entendem que não conseguirão prosseguir na rotina do trabalho.

Diante do exposto, é urgente a intervenção de profissionais e líderes eclesiais capacitados a ajuda na redefinição dos papéis sociais e valores pessoais do portador de esquizofrenia na promoção de sua auto – estima.

Nesse sentido, é fundamental a intervenção de psicólogo-terapeuta com conhecimento científico da psicologia da religião a fim de acompanhar o importante processo de reinterpretação e reflexão da vida religiosa e dos espaços que a religião ocupa no contexto do paciente.

Percebeu-se ao longo da pesquisa que a comunidade científica é tímida nos estudos em que a psicologia e psiquiatria convergem com o fator religião sendo assim escassa a revisão de literatura, demonstrações de dados, criação de hipóteses e apontamentos de resultados.

Entende-se que o universo acadêmico das Ciências das Religiões dispõe de métodos, conteúdos e de pesquisadores que poderão contribuir significativamente para a Psicologia e áreas afins na produção e construção de pesquisas e temas voltados para o assunto, sobretudo nos espaços em que a religiosidade e o sagrado operam.

Dessa forma, necessário é à intervenção e ao tratamento do portador de esquizofrenia comportamental que esforços se unam. A comunidade de fé, a família, amigos, contexto onde se opera a vida profissional do portador de esquizofrenia e demais espaços que este ocupa estarão devidamente preparados ao enfrentamento da realidade do esquizofrênico se a ciência que trata do tema fornecer condições da qual está legitimada para tal.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. *Dogmatismo e Tolerância*. São Paulo: Loyola, 2004.

AMATUZZI, M.M. *Fé e Ideologia na Compreensão Psicológica da Pessoa*. Rio de Janeiro: Psicologia: Reflexão e Crítica, 2003.

ANTONIAZZI, A. et al. *Nem anjos nem demônios*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

Associação Americana de Psiquiatria. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-IV-TR). Tradução organizada por C. Dornelles. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

ÁVILA, Antonio. *Para conhecer a Psicologia da Religião*. São Paulo: Loyola, 2003.

BERKHOF, Louis. *Enciclopédia de Teologia e Filosofia*. São Paulo: Luz para o Caminho, 1999.

BORDIEU, P. *Uma Interpretação da Teoria da Religião de Max Weber*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CABALLO, Vicente. *Manual para o Tratamento Cognitivo-Comportamental dos Transtornos Psicológicos*. São Paulo: Santos, 2003.

CRABTREE, A. R. *História dos Batistas do Brasil até o ano 1906*. Rio de Janeiro. Casa Publicadora Batista, 1962.

CARVALHAES, Sueli Aparecida Cardozo. Glossolalia: O Dom Incluyente do Espírito Santo. *Revista Estudos da Religião*. Junho, 2010.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2001.

COMBLIN, José. *A Igreja e sua missão no mundo*. São Paulo: Paulinas, 1996.

CUNHA, Magali do Nascimento. Discurso Religioso, Hegemonia Pentecostal e Mídia no Brasil. São Paulo: *Revista Caminhando*. Jan/Maio, 2008.

DALGALARRONDO, Paulo. *Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais*. São Paulo: Saraiva, 2006.

DUFFIELD, Guy. P; CLEAVE, Nathaniel, M, Van. *Fundamentos da Teologia Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERNANDES, Rubem Cesar. *Os Evangélicos em casa, na Igreja e na Política*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

FREIRE, J.C.; MOREIRA, V. *Psicopatologia e Religiosidade no lugar do outro: uma escuta levinasiana*. Maringá: Psicologia em Estudo, 2003.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 2001.

FILORAMO, G & PRANDI, C. *As Ciências das Religiões*. São Paulo: Paulus, 1999. Rio de Janeiro: Imago. Edição Standart das *Obras Completas*, 1986.

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e Religião*. Rio de Janeiro: Vozes, 1978.

KOROLKOVAS, Andrejus. *Dicionário Terapêutico*. 16. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.

LÉONARD, Émile G. *O Protestantismo Brasileiro*. São Paulo: Aste, 1981.

LOPEZ. M. Religião e psicologia clínica: quatro atitudes básicas. In: MASSIMI. M.; MAHFOUD. M. (org.) *Diante do mistério: Psicologia e senso religioso*. São Paulo: Loyola, 1999.

LOTUFO, Francisco Neto. *Psiquiatria e Religião: A Prevalência de Transtornos Mentais entre Ministros Religiosos*. São Paulo: Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 1997.

HOCKE, Klauss. *Introdução às Ciências das Religiões: Religiões e Psicologia*. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar, 2005.

MAGALHAES, Izabel. *Linguagem e Ideologia no Discurso Pentecostal*. CNPq/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Cadernos de Linguagem e Sociedade, 1997.

MAZONI, Claudia Galvão. *A Eficácia da Terapia Cognitivo-Comportamental para tratamento de pacientes Esquizofrênicos*. Bahia: Departamento de Psicologia/UIbra, 2003.

MCGLASHAN, T. H. What has become of the psychotherapy of schizophrenia? *Acta Psychiatrica Scandinavica Supplementum*, 1994.

NEE, Watchman. *Autoridade e Submissão*. São Paulo: Arvore da Vida, 1993.

PECHEUX, Michel. *Análise Automática do Discurso*. Campinas: Unicamp, 1990.

_____. *Ideologia – Aprisionamento ou campo paradoxal?* 2ª Ed. Campinas: Pontes, 2011.

_____. *Metáfora e Interdiscurso*. 2ª Ed. Campinas: Pontes, 2011.

PEREIRA, Daniela Martins. *Experiência Religiosa da Fé e Desenvolvimento Humano*. São Paulo, 2008.

PRIEN, Hans-Jürgen. *Formação da Igreja Evangélica no Brasil: das comunidades teuto-evangélicas de imigrantes até a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

PULL, C. *Diagnóstico da esquizofrenia: uma revisão*. In M. Maj & N. Sartorius (Orgs.), *Esquizofrenia*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento do sentido*. São Paulo: Unicamp, 1993.

RIGACCI, G. Jr. *A experiência religiosa e o encontro humano: um olhar filosófico*. In: AMATUZZI, M.M (org.) *Psicologia e Espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2005.

SALL, Millard. *Possessão Demoniaca ou Doença Mental*. Tradução por Esly Regina de Carvalho. Grand Rapids MI, 1985.

SILVA, Dionísio de Oliveira. *O Comércio do Sagrado*. São Paulo: Descoberta, 2009.

SILVA, Regina Claudia Barbosa da. *Esquizofrenia: Uma Revisão*. *UNIFESP: Psicol. USP*. vol. 17, número 4 São Paulo, 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?>. Acesso em 09 de Setembro de 2014.

STOTT, John. *Cristianismo Autêntico*. São Paulo: Vida, 2006.

TODOROV, Tzvetan. *O discurso psicótico*. In: __. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

VERGOTE, A. *Necessidade e desejo da religião na ótica da psicologia*. In: PAIVA, G.J. *Entre a necessidade e o desejo: diálogos da Psicologia com a Religião*. São Paulo: Loyola, 2001.

VIEIRA, Antonio. *Sermão do Espírito Santo*. Universidade Federal de Santa Catarina. Versão em Português, 1969.

WEBER, M. *A Ética Protestante e o espírito do Capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.